



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

RAFAELA SOUZA PEREIRA

ESPELHO MEU:

**SÉRIE DE REPORTAGENS SOBRE REPRESENTATIVIDADE NEGRA NA
INFÂNCIA**

SALVADOR
2019

RAFAELA SOUZA PEREIRA

ESELHO MEU:

**SÉRIE DE REPORTAGENS SOBRE REPRESENTATIVIDADE NEGRA NA
INFÂNCIA**

Memorial descritivo de *Espelho Meu*: Série de reportagens sobre representatividade negra na infância, apresentado ao curso de graduação em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo, pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo R. S. Ribeiro

SALVADOR

2019

À memória da minha avó, Bernadete Carvalho.

À mainha, inspiração da minha vida, essa conquista é nossa.

Às crianças negras, fonte de inspiração para este projeto e esperança para o futuro.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por abençoar meu caminho e permitir que chegasse até aqui.

À mainha, Nubia Maria Carvalho Souza, por ser a melhor amiga e apoiadora que eu poderia ter. Seu amor enche a minha vida de alegria. Eu nada seria, sem a senhora. Obrigada por acreditar em mim e embarcar junto comigo. Meus sonhos são nossos e os seus se tornam meus também. Te amo infinito!

A painho, Geraldo dos Santos e meu irmão Lucas Souza, por serem família e me apoiarem em todos momentos. Que possamos, em breve, comemorar essa conquista. Amo vocês!

Ao namorado e jornalista mais incrível do universo, Thiago Conceição, por me amar do jeito que sou e crescer todos os dias comigo. Você tem tantas qualidades que todos os adjetivos e elogios ainda seriam insuficientes. Tem muito de você neste trabalho! Obrigada por ter sido um porto seguro para mim e melhor editor durante a produção do TCC. Amo você!

Ao amigo de todas as horas, Victor Fonseca, por ter abraçado este projeto como se fosse seu. Sem você, não teria sido a mesma coisa! Muito obrigada pela parceria desde o primeiro semestre de Facom. Amo você!

À Raquel Carvalho, por se juntar a mim e a Victor Fonseca nesta empreitada. Obrigada pela atenção e carinho que teve com este trabalho.

Aos entrevistados, Bárbara Carine, Caroline de Jesus Adesewa, Tamires Lima, Flávia Santana, Laura Augusta, Geo Nunes, Maria Carolina, Igor Souza e Adilson Passos. Vocês fizeram o trabalho acontecer! Que os seus projetos continuem inspirando e sendo luz para muitas crianças negras. Obrigada por existirem nesse mundo.

À minha irmã de outras vidas, Deisi Mendes, por estar ao meu lado desde a chegada em Salvador. De lá para cá, já se foram quase cinco anos! A sua amizade é e sempre será muito importante para mim. Obrigada por me apoiar em tantos momentos da minha vida. Não há distância que afaste a gente. Te amo, maravilhosa!

Aos meus familiares, em especial a minha tia e madrinha, Marlene Carvalho.

Às lindezas que a Facom me deu de presente, Greice Mara, Fernanda Santana, Kelven Figueiredo, Marina Matos e Rafaela Rey. Tenho os melhores amigos ao meu lado. Amo vocês!

A toda equipe do Bahia Notícias, por ter me proporcionado momentos que levarei para sempre comigo. Vocês me ensinaram mais que jornalismo! Em especial, Cláudia Cardozo, Fernando Duarte e Júnior Moreira Bordalo. Aos meus amigos, Deivide Sacramento, Gabriel Rios, Ian Meneses, Jade Coelho, Lara Teixeira, Lucas Arraz e Priscila Melo. A Bruno Luiz e Pascoal Oliveira, que também conheci no BN. Amo e admiro muito vocês!

Aos meus amigos da vida, Mara Conceição, Micaela Lima, Mônica Mirella, Nay Mercês e Thiago Silva, pela amizade sincera. Apesar da distância e correria do dia a dia, o amor e afeto prevalecem.

Ao professor Marcelo Ribeiro, pela orientação atenciosa e cuidadosa neste trabalho. Foi muito bom trabalhar contigo! Ter você como orientador foi a melhor escolha que poderia ter feito no final da graduação. Muito obrigada!

Aos colegas, professores e todo corpo de funcionários da Faculdade de Comunicação e da UFBA. Em especial, a professora Juliana Gutmann, por ter me orientado no início deste projeto.

Aos integrantes da banca do Exame de Avaliação, profa. Ceci Alves e o prof. Marcos Carvalho. É uma honra poder contar com vocês neste momento.

RESUMO

O presente memorial descreve as etapas de produção da série de reportagens *Espelho Meu*. A partir da narrativa jornalística, a série discute a representatividade negra na infância através da apresentação de iniciativas relacionadas ao tema e entrevistas com personagens de Salvador-Ba. O produto audiovisual é composto por três reportagens com enfoques relevantes para a infância, como educação, identidade e entretenimento. A produção tem como objetivo reforçar a importância de que crianças negras se sintam e sejam representadas em sua diversidade e apresentar histórias locais que estão contribuindo para a ampliação desse cenário, a exemplo da Escolinha Maria Felipa, do projeto Afroinfância, do Instituto de Beleza Essência dos Cachos, dos brinquedos afirmativos Amora e da animação Aventuras de Amí. A série *Espelho Meu* foi pensada para o YouTube, plataforma onde está disponibilizada.

Palavras-chave: representatividade negra; infância; identidade; reportagem; série.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Bárbara Carine, consultora pedagógica da Escolinha Maria Felipa.....	30
Figura 2 – Caroline de Jesus Adesewa, idealizadora do projeto Afroinfância.....	32
Figura 3 – Tamires Lima, escritora e designer.....	33
Figura 4 – Flávia Santana, idealizadora do Instituto de Beleza Essência dos Cachos.....	34
Figura 5 – Laura Augusta, psicóloga que atua com foco na população negra.....	35
Figura 6 – Geo Nunes, designer e idealizadora do ateliê Amora.....	36
Figura 7 – Maria Carolina e Igor Souza, diretores da animação Aventuras de Amí.....	37
Figura 8 – Adilson Passos, designer e autor do livro As Mulheres Abayomi.....	39
Figura 9 – Imagens desfocadas das crianças na Escolinha Maria Felipa.....	42
Figura 10 – Imagens detalhando as atividades das crianças.....	42
Figura 11 – Vinheta de apresentação de Espelho Meu.....	46
Figura 12 – Grafismos utilizados nas legendas de Espelho Meu.....	46
Figura 13 – Playlist da série Espelho Meu publicada no YouTube.....	48

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	10
1.1 ESCOLHA DO NOME.....	12
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2.1 CONCEPÇÃO DO CONCEITO DE INFÂNCIA	14
2.2 CONCEITUANDO RAÇA E RACISMO.....	16
2.2.1 Representatividade negra na infância	18
2.2.2 Empoderamento em pauta.....	21
2.3 FORMATO.....	22
3. ETAPAS DE ELABORAÇÃO.....	25
3.1 PRÉ-PRODUÇÃO.....	25
3.2 ESCOLHA DAS PAUTAS.....	27
3.3 FONTES.....	29
3.3.1 Bárbara Carine Pinheiro.....	30
3.3.2 Caroline de Jesus Adesewa.....	32
3.3.3 Tamires Lima.....	33
3.3.4 Flávia Santana.....	34
3.3.5 Laura Augusta.....	35
3.3.6 Geo Nunes.....	36
3.3.7 Maria Carolina e Igor Souza.....	37
3.3.8 Adilson Passos.....	39
3.4 ENTREVISTAS.....	40
3.5 GRAVAÇÃO E EQUIPAMENTOS.....	40
3.6 DECUPAGEM DO MATERIAL.....	43

3.7 ROTEIROS E EDIÇÃO DAS REPORTAGENS.....	44
3.7.1 Finalização das reportagens.....	45
3.8 PUBLICAÇÃO DA SÉRIE.....	47
3.9 CUSTOS DE PRODUÇÃO.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS.....	51
APÊNDICE.....	53
APÊNDICE A – ROTEIROS DAS ENTREVISTAS.....	53
APÊNDICE B – ROTEIROS DE EDIÇÃO.....	58
APÊNDICE C – TEXTOS DE OFF.....	65

1. APRESENTAÇÃO

A elaboração de uma série de reportagens é o fio condutor deste produto, intitulado *Espelho Meu*, que discute a representatividade negra na infância através de entrevistas sobre iniciativas relacionadas ao tema. As três reportagens abordam questões de representatividade e identidade na educação, no entretenimento infantil e na estética de forma informativa. A partir disso, *Espelho Meu* ressalta a importância de que as crianças negras sejam e se sintam representadas, além de contar histórias locais que estão contribuindo para o crescimento desse cenário.

A ideia deste projeto está diretamente ligada às minhas vivências mais íntimas. Desde a minha infância e adolescência em Ipirá, cidade do interior da Bahia, entre os anos de 2007 e 2013, faltaram referências que me fizessem sentir representada com os meus traços fenotípicos associados à construção social da negritude, especialmente o meu cabelo volumoso e cacheado. O problema era vivido não só nos momentos de consumo de produtos considerados básicos, como xampus e cremes, como de brinquedos e outros produtos para entretenimento. Não tive bonecas “parecidas” comigo e eram poucos personagens com que conseguia me identificar, pois tudo parecia ser muito distante do que via no espelho.

Os momentos de corte de cabelo foram igualmente traumatizantes. A minha própria imagem era prejudicada por uma lógica que não aceitava as diferenças. Ainda criança, lembro de ter ido inúmeras vezes ao salão de beleza e recebido cortes que não respeitavam meu tipo de cabelo. Eram cortes evidentemente pensados para crianças com cabelo liso, conforme o padrão dominante associado à branquitude.

A partir de uma reflexão acerca da estética e afetividade em torno do cabelo e a negritude, a pesquisadora e feminista negra Joice Berth (2019, p. 116) afirma:

Nossos cabelos tornam-se, desde muito cedo, um fardo difícil que, ao longo de nosso crescimento e desenvolvimento físico, vai pesando cada vez mais e abala a percepção de nossa identidade, pois independente de nossas escolhas estéticas e dos cuidados que temos com eles, os preconceitos raciais, estereótipos e clichês que foram implantados com a finalidade de ridicularizar esse atributo permanecem solidificados no senso comum da opinião pública e necessitam de um árduo trabalho de resignificação para libertar mulheres negras dessas estratégias de desqualificação da estética negra.

Cresci nesse ciclo de exclusão das diferenças muito intensamente até minha vinda para Salvador, em 2014. Antes, é importante situar um período que considero bastante crítico na questão da representação de negras e negros: as fases na escola. Costumamos viver, nesses

momentos, as maiores crises com a própria aparência no decorrer da puberdade. Pela falta de informação e representatividade, acabei mudando meu cabelo para melhorar minha autoestima e parecer com as outras meninas. A vontade de ter o cabelo liso fez com que eu buscasse o alisamento químico aos 12 anos de idade e convencesse minha mãe de que precisava disso.

As primeiras mudanças surgiram em 2012, quando tinha 16 anos e não sabia o que era sair com os cabelos naturais, além de estar com o cabelo danificado pela química. É nesse momento que conheço as primeiras referências de mulheres e meninas que evidenciavam que é possível e lindo ter o cabelo cacheado e crespo. Como não conhecia o meu próprio cabelo, comecei a aprender como valorizá-lo através de vídeos e blogs produzidos por essas mulheres na internet. A partir desse momento, percebi o quão foi importante encontrar referências reais em que eu pudesse me espelhar, pois tudo que eu tinha entendido é que eu estava fora do padrão e precisava me adequar para ser aceita.

Por isso, acredito que *Espelho Meu* pode contribuir de forma positiva na construção e valorização da autoestima de crianças negras através da apresentação e divulgação de iniciativas destinadas a elas. Vejo hoje que a minha vivência escolar foi o período mais difícil e acredito que tudo poderia ser diferente se eu tivesse acesso aos conteúdos que conheci na adolescência e que fizeram com que eu me sentisse representada.

Este memorial está organizado e dividido em duas partes. Na primeira, estão os referenciais teóricos que contribuiram para a compreensão de questões importantes para a produção desta série. Entre os conceitos estudados, estão a representação, identidade, concepção da infância, raça e racismo, representatividade, empoderamento e questões sobre o formato audiovisual.

Já na segunda parte, estão todas as etapas de elaboração e produção da série. Neste momento são descritas as três pautas da série. A primeira reportagem, *Ensino afrocentrado na infância*, discute a valorização da identidade negra na educação infantil através de uma metodologia decolonial e afrocentrada, proposta pela Escolinha Maria Felipa e pelo projeto Afroinfância. A segunda reportagem, *Valorização da estética negra*, aborda a estética negra e valorização do cabelo crespo por meio da narrativa do livro *Tóim, cadê você?*, da escritora e designer Tamires Lima, e do Instituto de Beleza Essência dos Cachos, idealizado por Flávia Santana. Por fim, a terceira reportagem, *Entretenimento representativo*, apresenta projetos e iniciativas que levantam a bandeira da representatividade nas produções de entretenimento infantil.

1.1 ESCOLHA DO NOME

O nome *Espelho Meu* nasce do desejo de materializar o significado de representatividade, que considero crucial para a criação deste projeto. O conceito ganhou notoriedade através dos discursos de movimentos sociais que buscam a visibilidade de grupos que não são bem representados, principalmente na indústria cultural.

De acordo com a definição do Aurélio (2018), representatividade é a "qualidade reconhecida a um homem, a um organismo, mandatado oficialmente por um grupo de pessoas para defender os seus interesses". Ao considerar o significado léxico da palavra e o seu uso político-ideológico, a representatividade é vislumbrada como o ato de nos sentirmos representados por um grupo, indivíduo ou expressão humana, em nossas características, sejam elas físicas, comportamentais ou socioculturais.

A partir de uma perspectiva mais ampla e institucional, Almeida (2018, p. 82) explica: "a representatividade refere-se à participação de minorias em espaços de poder e prestígio social, inclusive no interior dos centros de difusão ideológica como os meios de comunicação e a academia".

Apesar de não ser necessariamente a mesma coisa, a noção de representatividade proposta por este trabalho também pode ser analisada através do conceito de representação de Hall (2016). Para o autor, a representação é uma prática de produção e compartilhamento de significados entre os membros de uma cultura. Com base nesta definição, cabe destacar o caráter “constitutivo” e político sugerido por Hall (2016, p. 18):

Nesse momento, a representação surge como "representação política" que, em seu ato de representar, constitui não somente a identidade, mas a própria qualidade existencial, ou realidade (ontologia), da comunidade política, sendo representada em seus valores, interesses, posicionamentos, prioridades, com seus membros (e não membros), suas regras e instituições. Nesse contexto, da "representação como política", não ter voz ou não se ver representado pode significar nada menos que opressão existencial.

De acordo com Hall (2016), a representação de grupos sociais está relacionada ao construtivismo. Essa abordagem atesta que não são as coisas, mas sim os indivíduos que "constroem o sentido, usando sistemas representacionais (conceitos e signos) para que o mundo seja compreensível e para comunicá-lo, inteligivelmente, para outros" (HALL, 2016, p. 48-49).

Sobre o nome deste trabalho, a analogia do espelho dialoga de forma direta e lúdica com o conceito de representatividade. Ao olhar para o espelho, é possível observar e reconhecer nossas características e traços. De forma similar, ao consumir um produto comunicacional, a criança negra deve poder encontrar elementos de identificação que contribuem para a construção da sua autoestima e identidade. Por entender a complexidade em torno do conceito

de identidade, também se faz necessário trazer as contribuições de Hall (2006) acerca do tema. O autor explora a afirmação de que “as identidades modernas estão sendo descentradas, deslocadas ou fragmentadas” devido às mudanças na modernidade tardia, principalmente ao processo de globalização.

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p. 13)

Diante disso, na condição do sujeito pós-moderno, Hall (1987) explica: “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2006, p. 13).

Por fim, a analogia do espelho proposta pela série também faz referência à célebre frase: “Mágico espelho meu, quem é mais bela do que eu?”, dita pela Rainha Má, no filme *Branca de Neve e os Sete Anões* (1937), da Walt Disney. A pergunta feita ao espelho servia para a rainha se certificar de que a sua beleza era maior que todas as outras. No entanto, quando o espelho mágico diz que Branca de Neve é mais bela que a rainha, ela se revolta e busca uma maneira para se livrar da jovem.

Diferente do conto de fadas, cabe ressaltar que a referência do espelho mágico da Rainha Má foi reformulada na produção desta série. *Espelho Meu* não busca estabelecer um padrão de belo, mas propagar reflexos positivos, percepções e histórias que também precisam ser vistas e contadas para as crianças negras.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

No processo de elaboração deste projeto jornalístico, foram estudados referenciais teóricos que contribuíram para a compreensão de questões importantes para a construção deste trabalho, entre eles a concepção do conceito de infância, raça e racismo, representatividade negra na infância, empoderamento e questões sobre o formato audiovisual.

2.1 CONCEPÇÃO DO CONCEITO DE INFÂNCIA

Antes de abordar a concepção da noção de infância, é preciso pontuar que o conceito não trata de um estado natural, e sim de uma construção histórica. A partir da perspectiva de Ariès (1986), na Europa medieval, o conceito passou pela ideia de adulto em miniatura até chegar à criança cidadã contemporânea. Ainda conforme o autor, a consciência de proporcionar à criança uma proteção especial por conta da fragilidade consequente das fases iniciais da vida – que hoje é amplamente compartilhada – só começou a ser pensada entre os séculos XIII e XVIII.

Cabe mencionar que para Ariès (1986), até o século XII, o conceito de infância não existia socialmente na Europa. Com isso, as crianças eram apenas a projeção do adulto em escala reduzida. Segundo o autor, assim que os pequenos se livravam da dependência física, aproximadamente aos sete anos de idade, misturavam-se aos adultos sem nenhum tipo de amparo.

A duração da infância era reduzida ao seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem não conseguia bastar-se; a criança então, mal adquiria um desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude. (ARIÈS, 1986, p. 10)

Diante esse contexto, as altas taxas de natalidade e mortalidade infantil também corroboraram para o esquecimento e desinteresse em relação à vida dos pequenos. Para Ariès (1986), a transmissão de valores e saberes não era assegurada e nem controlada pela família. As crianças se afastavam de seus pais e aprendiam através da convivência com os adultos.

A inserção da criança no mundo adulto, no contexto ocidental, é evidenciada por meio da análise das artes medievais proposta por Ariès (1986), onde nas quais pessoas de todas as

idades aparecem compartilhando os mesmos espaços. A criança, ainda frágil para se misturar à vida dos adultos, não era representada.

Uma miniatura otomiana do século XI nos dá uma ideia impressionante da deformação que o artista impunha então aos corpos das crianças, num sentido que nos parece muito distante de nosso sentimento e de nossa visão. (ARIÈS, 1986, p. 51)

Apesar da infância não ser representada nas artes medievais, Ariès (1986) diz que há indícios de que os romanos faziam representações realistas das crianças, entretanto, esse costume e outros teriam se perdido após o fim do Império Romano, no século V, e só retornou no século XVII, com o aparecimento de retratos de crianças (vivas e mortas). A partir disso, as crianças se tornaram peças centrais dos retratos de família. As pinturas religiosas também contribuíram nesse processo.

[...] embora a mortalidade infantil se tenha mantido num nível muito elevado, uma nova sensibilidade atribuiu a esses seres frágeis e ameaçados uma particularidade que antes ninguém se importava em reconhecer: foi como se a consciência comum só então descobrisse que a alma da criança também era imortal. É certo que essa importância dada à personalidade da criança se ligava a uma cristianização mais profunda dos costumes. (ARIÈS, 1986, p. 61)

O papel da criança como peça central, impulsionado pelo cristianismo, abriu caminho para a noção moderna da infância. Segundo a perspectiva ocidental de Ariès (1986), o século XVII foi crucial para a evolução dos temas da primeira infância, a exemplo dos retratos, pinturas e questões de saúde e higiene como a vacinação – que reduziram a alta taxa de mortalidade infantil na época.

A descoberta da infância começou sem dúvida no século XIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais de seu desenvolvimento tornaram-se particularmente numerosos e significativos a partir do século XVI e durante o século XVII. (ARIÈS, 1986, p. 65)

A partir dessas mudanças na concepção da infância no ocidente europeu, a criança passou a ser olhada de forma diferente dos adultos. Elas começaram a ter as suas individualidades e necessidades respeitadas. A nova representação das crianças foi percebida através dos trajes, que passaram a ser reservados à sua idade. As roupas serviam para diferenciar as crianças dos adultos.

Cabe ressaltar que outro aspecto relevante para a noção moderna da infância é a preocupação com a educação dos pequenos, fortalecida entre os séculos XVI e XVII (ARIÈS, 1986). Diferente da sociedade medieval, a modernidade fez com que a criação de escolas virasse uma necessidade para a educação e instrução das crianças. Essa condição contribuiu para o

fortalecimento da disciplina escolar rígida e da racionalidade dos costumes familiares, defendidas por eclesiásticos e homens da lei desde os séculos XVI-XVII. Eles acreditavam que as crianças deviam ser disciplinadas e protegidas de conteúdos impróprios. A partir dessas concepções, no final do século XVI, os educadores proibiram que as crianças tivessem acesso aos clássicos da literatura e começaram a produzir materiais que seriam apropriados para elas. Sobre isso, Airès (1986, p. 135) diz: “É dessa época realmente que podemos datar o respeito pela infância”.

A partir da ideia de respeito pela infância, foi aberto o caminho para um importante marco histórico em relação ao direito das crianças. Em 20 de novembro de 1989, na Convenção sobre os Direitos da Criança¹, a Organização das Nações Unidas (ONU) determinou que "a criança, em virtude de sua falta de maturidade física e mental, necessita de proteção e cuidados especiais, incluindo a devida proteção legal, tanto antes quanto após seu nascimento".

Diante disso, a consciência sobre a proteção e os cuidados no período da infância passa por questões como respeito aos aspectos educacionais e valores culturais, como a representatividade tratada neste trabalho.

2.2 CONCEITUANDO RAÇA E RACISMO

Antes de falar sobre representatividade negra na infância, é fundamental discutir os conceitos de raça e racismo para entender suas implicações na vida da população negra. Sobre o histórico do conceito de raça, Almeida (2018, p. 19) diz: “[...] a noção de raça como referência a distintas categorias de seres humanos é um fenômeno da modernidade, que remonta aos meados do século XVI”. O autor ainda afirma que o conceito está ligado à história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas.

[...]Por sua conformação histórica, a raça opera a partir de dois registros básicos que se cruzam e se complementam:

1. como característica biológica, em que a identidade racial será atribuída por algum traço físico, como a cor da pele;
2. como característica étnico-cultural, em que a identidade será associada à origem geográfica, à religião, à língua ou outros costumes, 'a uma certa forma de existir'. (ALMEIDA, 2018, p. 24)

¹ Mais informações em: <<https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>>. Acesso em: 9 de novembro de 2019.

Para Almeida (2018), apesar de a antropologia e a biologia, no século XX, constatarem a inexistência de justificativas para um tratamento discriminatório entre seres humanos por conta das diferenças biológicas ou culturais, “[...] a noção de raça é um fator político importante, utilizado para naturalizar desigualdades, justificar a segregação e o 'genocídio de grupos sociologicamente minoritários'” (ALMEIDA, 2018, p. 24). A dimensão dessa realidade é presente no cotidiano da população negra, público-alvo deste trabalho, que sofre até hoje com reflexos de um processo violento de escravização. Diante disso, Berth (2019) afirma:

A população negra foi confinada, entre outras práticas, à desumanização de escravizados de ontem e de hoje - ainda que a escravidão de hoje seja oculta e consequente de séculos de fato, já que a abolição completa da escravização de pessoas negras nem foi processada de maneira correta pela sociedade e avançou pouco mais do que algumas mudanças de legislação, muito devido à negação de saberes, produção e potencial intelectual negra que foi, e tem sido mais um caminho eficiente para mantê-la no lugar da subalternidade. (BERTH, 2019, p. 60)

Em consonância com essa realidade, Moreira (2019) traz uma reflexão interessante para compreender os tensionamentos que envolvem a raça como um processo de dominação:

O conceito de raça é produto de um processo de atribuição de significados que expressa o poder de grupos majoritários de construir sentidos que corroboram relações raciais hierárquicas. Por ser uma construção cultural, a raça pertence ao mundo simbólico, expressando sentidos que são criados com o propósito específico de dominação. Isso significa que ela não possui significados fixos, mas adquire conotações específicas dentro de contextos culturais e históricos particulares. (MOREIRA, 2019, p. 44)

Abordado o conceito de raça como construção sociocultural, é possível falar sobre a definição de racismo. Conforme Almeida (2018, p. 25), “o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagem ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam”.

Pela definição do racismo como um sistema estrutural, é necessário entender como ele se estabelece na sociedade. Dentro desta perspectiva, Almeida (2018, p. 38) argumenta: “[...] o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo 'normal' com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural”.

A partir disso, o autor diz que o racismo estrutural pode ser desdobrado em processo político e histórico. O processo é político “[...] porque, como processo sistêmico de discriminação que influencia a organização da sociedade, depende de poder político, caso

contrário seria inviável a discriminação sistemática de grupos sociais inteiros” (ALMEIDA, 2018, p. 40-41). Já o processo histórico compreende o racismo estrutural para além da derivação automática dos sistemas econômico e político. Para Almeida (2018, p. 42), “a especificidade da dinâmica estrutural do racismo está ligada às peculiaridades de cada formação social”.

Por meio da percepção acerca do racismo estrutural, é fundamental entender como ocorre a desigualdade racial entre negros e brancos no Brasil. Essa disparidade pode ser mensurada através das estatísticas de desemprego, renda, escolaridade e violência. Para González e Hasenbalg (1982), a desigualdade racial é mais que um legado do passado, ela é mantida pela estrutura desigual de oportunidades sociais a que brancos e negros estão submetidos no presente.

[...] a população negra brasileira continua concentrada nos degraus inferiores da hierarquia social. Em contraste com a população branca, parte majoritária da população negra localiza-se nas regiões menos desenvolvidas do país. Seu acesso ao sistema educacional é restringido, particularmente nos níveis de instrução mais elevados. A participação do negro no sistema produtivo está caracterizada pela concentração desproporcional nos setores de atividade que absorvem mão-de-obra menos qualificada e pior remunerada. Por sua vez, os fatos mencionados determinam uma participação desigual de brancos e negros na distribuição de renda e na esfera do consumo do produto social. (GONZÁLEZ; HASENBALG, 1982, p. 98)

Ainda de acordo com Almeida (2018, p. 40), "pensar no racismo como parte da estrutura não retira a responsabilidade individual sobre a prática de condutas racistas e não é um alibi para racistas". Segundo o autor, o entendimento de que o racismo não é individual, mas sim estrutural aumenta ainda mais a nossa responsabilidade em combatê-lo através de posturas e práticas antirracistas.

2.2.1 Representatividade negra na infância

A concepção moderna de infância, atrelado aos direitos da criança e o avanço das discussões que envolvem questões raciais, fez surgir um terreno social onde é possível falar de conceitos como a representatividade, um dos pilares do conteúdo de *Espelho Meu*. Quando se trata da representatividade negra é necessário entender de que forma ocorre essa relação, tendo em vista uma realidade estruturada pelo racismo.

Segundo Almeida (2018, p. 51), “o racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional”. A exemplo dos personagens de novelas, filmes e propagandas

publicitárias que, na maioria das vezes, trazem os negros em condições subalternizadas e marginalizadas. A partir desta perspectiva, vale ressaltar que essa representação pode influenciar diretamente na identidade da população negra de uma forma negativa e distante da sua realidade sociocultural.

Sobre a representação social do negro, Silva (2011, p. 31) diz: “a representação de um grupo ou indivíduo é fundamental para a construção ou desconstrução da sua identidade, autoestima e autoconceito, uma vez que o indivíduo ou grupo pode perceber-se e conceitualizar-se a partir desse "real" e internalizá-lo”.

Conforme Silva (2010), a estigmatização da pessoa negra em papéis e funções de baixo prestígio social favorece a exclusão e discriminação dessa população.

O estereótipo do negro estigmatizado em papéis de baixo prestígio social, contribui, em grande parte, para que as pessoas de pele clara tenham adquirido o senso comum de que os negros não têm papéis e funções diversificadas e que esse é o ‘seu lugar’ na sociedade, bem como para que muitos negros no passado interiorizassem essa representação e aceitassem como natural a estigmatização, como o ‘seu lugar’ na sociedade. (SILVA, 2010, p. 44)

Além da representação estigmatizada da população negra, a falta de representatividade também é uma questão a ser questionada. A problemática mencionada se torna ainda mais latente na infância, onde muitas crianças negras não se veem nos brinquedos, filmes, desenhos e personagens. A campanha *Cadê Nossa Boneca?*², realizada em 2018 pela organização não governamental Avante, ilustra bem essa questão. O levantamento revelou que apenas 7% de todos os modelos (762) de bonecas fabricadas no Brasil eram negras, um total de 53. Conforme a Avante, foram analisadas as bonecas produzidas por fabricantes de brinquedos associados à Associação Brasileira de Fabricantes de Brinquedos (ABRINQ), principal instituição do setor no Brasil.

A ação já tinha sido feita em 2016, quando se chegou ao índice de 6,3% de modelos de bonecas negras confeccionadas. Em outras palavras, o levantamento realizado naquele ano identificou 1.945 modelos de bonecas dos quais apenas 131 eram negras. Quanto à venda online, o percentual de modelos de bonecas negras ofertadas é ainda menor do que o total de modelos disponíveis. Enquanto são fabricadas uma média (dos dois anos de pesquisa) de 6,5%, apenas 3% dos modelos de bonecas presentes nos sites de venda são negras.

De acordo com a pesquisa, a psicóloga e uma das responsáveis pelo estudo, Mylene Alves, afirma que o cenário apresenta “uma grande desproporção entre bonecas negras e

² Disponível em: <<http://www.avante.org.br/comercio-de-bonecas-ainda-nao-entendeu-representatividadeimporta/>>. Acesso em: 30 de outubro de 2019.

brancas tanto na fabricação quanto na comercialização” (ALVES, 2018). Em entrevista ao jornal *Correio*³, a psicóloga comentou sobre as poucas mudanças no cenário. “A gente continua aprendendo muito precocemente que o negro não tem espaço, que ele não é bonito, que ele não é desejado” (ALVES, 2018). Para a especialista, o principal desafio é fazer com que a indústria de brinquedos mude, assim como vem acontecendo com os setores da indústria de moda e dos cosméticos.

Como consequência da falta de meios que visam a representatividade na infância, Silva (2010) explica que as crianças negras iniciam um processo de auto rejeição do seu fenótipo ainda na educação infantil enquanto as outras crianças iniciam a rejeição do diferente por conta da internalização de estereótipos “inferiorizantes”.

Os estereótipos, ou seja, os clichês, as imagens cristalizadas ou idealizadas de indivíduos ou grupos de indivíduos, cumprem o papel social de produzir os preconceitos, as opiniões e conceitos baseados em dados não comprováveis da realidade do outro, colocando esse outro sob rejeição ou suspeita. Por outro lado, a vítima do preconceito pode vir a internalizá-lo, auto rejeitando-se e rejeitando àquele que se lhe assemelha. (SILVA, 2010, p. 21)

Os fatores que contribuem para a criação de estereótipos podem ser relacionados ao “perigo da história única”, título de palestra⁴ e livro produzidos por Chimamanda Ngozi Adichie, feminista e escritora nigeriana. Nos trabalhos, a escritora atenta para o risco de contar e reduzir uma história a apenas uma versão. “A ‘única história cria estereótipos’. E o problema com estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história” (ADICHIE, 2009).

A exemplo disso, ela fala sobre a sua relação com a literatura na infância. Chimamanda vem de uma família nigeriana de classe média, seu pai era professor e sua mãe administradora. Quando criança, na Nigéria, ela tinha acesso somente a livros britânicos e americanos. O fato influenciava na forma que enxergava o mundo e sua realidade, já que ela escrevia e tinha como referência as mesmas histórias que lia.

Todos os meus personagens eram brancos de olhos azuis. Eles brincavam na neve, comiam maçãs. E eles falavam muito sobre o tempo, em como era maravilhoso o sol ter aparecido. Apesar do fato que eu morava na Nigéria. Eu nunca havia estado fora da Nigéria. Nós não tínhamos neve, nós comíamos mangas. E nós nunca falávamos sobre o tempo porque não era necessário. Meus personagens também bebiam muita cerveja de gengibre porque as

³ A matéria está disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/procuram-se-bonecas-pretas-criancas-ainda-sofrem-com-falta-de-representatividade/>>. Acesso em: 9 de novembro de 2019.

⁴ A palestra foi proferida por Chimamanda Ngozi Adichie no TED Talk, em 2009. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story#t-32188>. Acesso em: 9 de novembro de 2019.

personagens dos livros britânicos que eu lia bebiam cerveja de gengibre. Não importava que eu não tivesse a mínima ideia do que era cerveja de gengibre. (ADICHIE, 2009)

Nesta perspectiva, Chimamanda destaca a sensibilidade e vulnerabilidade diante de uma história, principalmente quando se trata de crianças. Para a escritora, essas leituras fizeram com que ela não pudesse se identificar por meio das histórias e personagens. Entretanto, tudo mudou quando ela descobriu os livros africanos.

[...] as coisas mudaram quando eu descobri os livros africanos. Não havia muitos disponíveis e eles não eram tão fáceis de encontrar quanto os livros estrangeiros, mas devido a escritores como Chinua Achebe e Camara Laye eu passei por uma mudança mental em minha percepção da literatura. Eu percebi que pessoas como eu, meninas com a pele da cor de chocolate, cujos cabelos crespos não poderiam formar rabos-de-cavalo, também podiam existir na literatura. Eu comecei a escrever sobre coisas que eu reconhecia. Bem, eu amava aqueles livros americanos e britânicos que eu lia. Eles mexiam com a minha imaginação, me abriam novos mundos. Mas a consequência inesperada foi que eu não sabia que pessoas como eu podiam existir na literatura. Então o que a descoberta dos escritores africanos fez por mim foi: salvou-me de ter uma única história sobre o que os livros são. (ADICHIE, 2009)

As reflexões da escritora nigeriana reforçam a importância de contar as histórias de quem tem como objetivo tratar da representatividade, a exemplo da diversidade de fontes que formam a série *Espelho Meu*. “Muitas histórias importam. Histórias têm sido usadas para expropriar e tornar maligno. Mas histórias podem também ser usadas para capacitar e humanizar. Histórias podem destruir a dignidade de um povo, mas histórias também podem reparar essa dignidade perdida” (ADICHIE, 2009).

2.2.2 Empoderamento em pauta

Além da representatividade, o empoderamento negro é pauta importante das produções narrativas na internet. Esse cenário é fruto das lutas políticas e reivindicações dos movimentos sociais brasileiros, principalmente do Feminismo Negro. Neste sentido, Berth (2019) destaca a importância do posicionamento das mulheres negras na luta feminista através de questionamentos sobre a homogeneidade do ser feminino universal, criado por mulheres brancas no feminismo, além de ressignificar o trabalho de empoderamento tendo em vista a opressão e complexidade inserida nas realidades de grupos minoritários.

A partir disso, Berth (2019, p. 61) afirma: “O pensamento de feministas negras abre dimensões importantes do trabalho de empoderamento, ao mesmo tempo que define a

necessidade de interligação entre essas dimensões e que não se pode dissociar os processos individuais dos processos coletivos”.

Com base nas reflexões sobre o Feminismo Negro, Berth (2019) parte para a definição de empoderamento que tem como pilares a autoafirmação, a autovalorização, o autoreconhecimento e o autoconhecimento de si mesmo e de suas habilidades. Além disso, no âmbito do empoderamento, a pesquisadora acrescenta o autoconhecimento da sua história e da sua posição social e política.

Empoderar, dentro das premissas sugeridas, é, antes de tudo, pensar em caminhos de reconstrução das bases sociopolíticas, rompendo concomitantemente com o que está posto, entendendo ser esta a formação de todas as vertentes opressoras que temos visto ao longo da História. (BERTH, 2019, p. 23)

Diante da afirmação de Berth, a série *Espelho Meu* explora pautas que estão conectadas com o processo de empoderamento, pois traz histórias e iniciativas que buscam a reconstrução das estruturas sociopolíticas. Entre as iniciativas tratadas, é possível considerar o exemplo da Escolinha Maria Felipa, instituição que visa um ensino decolonial a partir da ênfase na cultura afro-brasileira e rompimento com o histórico de ensino eurocêntrico.

2.3 FORMATO

A elaboração de séries de reportagens é uma prática comum do jornalismo, principalmente quando o objetivo é aprofundar um tema ou fato. Geralmente, o tema é escolhido a partir de um gancho atual, como dados recentes, datas comemorativas ou históricas, ou personagens relevantes, e é desdobrado em várias pautas para produtos especiais. Um exemplo recente foi a canonização de Irmã Dulce, realizada no dia 13 de outubro de 2019, que teve várias séries de reportagens produzidas em veículos impressos, televisivos e digitais de Salvador — cidade onde a freira passou grande parte da sua vida e fundou obras sociais.

Em relação aos critérios para a elaboração de *Espelho Meu*, destaca-se a discussão sobre representatividade negra na infância baseada em dados e iniciativas atuais que serão aprofundadas no próximo capítulo deste trabalho (Etapas de Elaboração). Por mencionar os critérios, vale reforçar o que motivou a escolha pela narrativa seriada. O processo de escolha levou em consideração questões como a falta de iniciativas que visam incentivar a representatividade, a possibilidade de trabalhar o tema por meio de enfoques e histórias diferentes, dar voz e destaque aos personagens e projetos idealizados por eles.

A partir disso, se faz necessário discutir o conceito de serialidade que norteia o formato deste trabalho. Nesta perspectiva, cabe pontuar que a literatura não contempla a sua relação com o jornalismo, mas sim com a narrativa televisiva através de análises da ficção. Entretanto, vale destacar a definição de Machado (2005) para uma compreensão mais ampla do conceito, já que a reportagem é um dos formatos comuns do telejornalismo. Sobre serialidade, ele diz:

Uma emissão diária de um determinado programa é normalmente constituída por um conjunto de blocos, mas ela própria também é um segmento de uma totalidade maior - o programa como um todo - que se espalha ao longo de meses, ano, em alguns casos até décadas, sob a forma de edições diárias, semanais ou mensais. Chamamos de serialidade essa apresentação descontínua e fragmentada do sintagma televisual. (MACHADO, 2005, p.83)

De acordo com Machado (2005), há várias explicações sobre as motivações que fizeram a televisão aderir a serialidade na estruturação dos seus produtos audiovisuais.

Para muitos, a televisão, muito mais do que os meios anteriores, funciona segundo um modelo industrial e adota como estratégia produtiva as mesmas prerrogativas da produção em série que já vigoram em outras esferas industriais, sobretudo na indústria automobilística. A necessidade de alimentar com material audiovisual uma programação ininterrupta teria exigido da televisão a adoção de modelos de produção em larga escala, onde a serialização e a repetição infinita do mesmo protótipo constituem a regra. (MACHADO, 2005, p. 86)

Apesar de trazer a noção de serialidade a partir da perspectiva televisiva, o autor destaca o histórico do conceito. Segundo ele, não foi a televisão que criou o tipo de narrativa seriada.

Ela já existia antes nas formas epistolares de literatura (cartas, sermões, etc.), nas narrativas míticas intermináveis (As mil e uma noites), depois teve um imenso desenvolvimento com a técnica do folhetim, utilizada na literatura publicada em jornais no século passado, continuou com a tradição do radiodrama ou da radionovela e conheceu a sua primeira versão audiovisual com os seriados do cinema. (MACHADO, 2005, p. 86)

Diferente desta perspectiva, a adoção da serialidade no jornalismo ocorre de forma oposta. Como foi mencionado anteriormente, a série de reportagens funciona a partir de uma lógica de produção especial e em profundidade. Por isso, vale trazer o conceito de reportagem proposto por Lage (2011):

A reportagem aborda um assunto em visão jornalística a partir de fatos geradores de interesse, encarados de certa perspectiva editorial. Não se trata apenas de acompanhar o desdobramento (ou fazer suite) de um evento, mas de explorar suas implicações, levantar antecedentes - em suma, investigar e interpretar. (LAGE, 2011, p. 18)

Nesse aspecto, as reportagens especiais precisam de um tempo maior para a realização, pois se propõem a fazer uma abordagem mais detalhada e aprofundada a respeito do fato ou

conjunto de fatos. Diferente das reportagens factuais, por exemplo, que tratam de assuntos do dia e, por isso, são produzidas em tempo hábil para que seja veiculada no dia em que o fato ocorreu.

3. ETAPAS DE ELABORAÇÃO

A produção da série *Espelho Meu* envolveu processos metodológicos que foram executados em diferentes fases, da elaboração de pautas até a edição final e publicação do conteúdo. Nesta seção do memorial, é apresentado o passo a passo do desenvolvimento do produto, realizado entre julho e novembro de 2019.

3.1 PRÉ-PRODUÇÃO

A fase de pré-produção da série *Espelho Meu* começou com pesquisas e leituras sobre os temas que são tratados no produto, para que eu pudesse ter um entendimento maior acerca dos conceitos de representatividade e infância e compreender tensionamentos relacionados a temas como empoderamento e racismo, além de buscar personagens e histórias locais para a elaboração das pautas.

Neste momento inicial, busquei bibliografias, conteúdos multimídias, perfis no Instagram e YouTube, que me forneceram uma base sólida e contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho. Nas pesquisas, utilizei critérios temáticos relativos a proposta da série, como representatividade, infância e empoderamento. Pode-se destacar, igualmente, que conheci alguns entrevistados por meio do Instagram, onde já acompanhava as iniciativas e trabalhos realizados por eles. Essas referências, além de fornecerem acesso ao campo que estava interessada em abordar, contribuíram de forma criativa na concepção deste trabalho. A partir delas foi possível pensar no enquadramento das pautas e no visual das reportagens.

Após essa fase, dei início à elaboração das pautas da série. Para isso, utilizei o conhecimento jornalístico adquirido ao longo do curso e em experiências dos estágios em redação. Entre as experiências mencionadas, cabe destacar o estágio no Bahia Notícias⁵, site de notícias da capital baiana, e a participação no Correio de Futuro, programa de treinamento do jornal baiano Correio⁶.

A partir dos trabalhos realizados nesses veículos, foi possível aprimorar técnicas de apuração, escrita e redação de matérias, elaboração de pautas, entrevistas. Para além dos fatores técnicos, os estágios também promoveram uma aproximação com os temas, fontes e o formato jornalístico audiovisual. Vale pontuar que a aproximação com o audiovisual está ligada a

⁵ O Bahia Notícias atua com foco na cobertura de política, esportes, cultura, justiça, saúde e municípios. Disponível em: <<https://www.bahianoticias.com.br/>>. Acesso em: 6 de novembro.

⁶ Além do jornal impresso, o Correio tem o site: <<https://www.correio24horas.com.br/capa/>>. Acesso em: 6 de novembro.

necessidade de o jornalismo digital trabalhar com vídeos e imagens que complementam as informações das matérias. De modo geral, o contato com a redação consolidou o aprendizado sobre a prática jornalística, iniciado nas oficinas e disciplinas teóricas da Facom.

O esforço de pensar o fazer jornalístico serviu de bússola e deixou a produção mais organizada, especialmente na fase de elaboração das pautas. Sobre a definição de pauta, Lage (2011) diz que o termo se aplica a duas coisas distintas:

- a) o planejamento de uma edição ou parte da edição (nas redações estruturadas por editorias - de cidade, política, economia etc.), com a listagem dos fatos a serem cobertos no noticiário e dos assuntos a serem abordados em reportagens, além de eventuais indicações logísticas e técnicas: ângulo de interesse, dimensão pretendida da matéria, recursos disponíveis para o trabalho, sugestões de fontes etc.
- b) cada um dos itens desse planejamento, quando atribuído a um repórter. Ele dirá: "a minha pauta", quer a tenha recebido como tarefa, quer a tenha proposto (o que é comum, particularmente com free lancers). (LAGE, 2011, p. 16)

Ainda segundo o autor, o planejamento decorrente da construção da pauta proporciona uma série de vantagens do ponto de vista administrativo. A atividade “garante interpretação dos eventos menos imediata, emocional ou intempestiva. Diminui a pulverização de esforços em atividades improdutivas. Permite a gestão adequada dos meios e custos a serem utilizados ou investidos numa reportagem” (LAGE, 2011, p. 17).

Nesta perspectiva, cabe ressaltar a importância da elaboração das pautas para as reportagens deste trabalho que se assemelha às pautas produzidas para televisão. Já que a produção inclui a captação de imagens, escolha do local de gravação e entrevistas presenciais com as fontes. Entretanto, Lage (2011) alerta que é preciso dar margem à improvisação mesmo com as vantagens do planejamento. "Acontecimentos ocorrem inesperadamente, prognósticos mudam diante dos fatos" (LAGE, 2011, p. 20).

Em meio a esse processo de criação das pautas, a gravação e edição da série era uma preocupação resolvida, porque antes mesmo de fechar o projeto já pensava nessas questões. Tive algumas experiências em disciplinas audiovisuais durante a graduação e sabia que seria impossível manusear a câmera, gravar imagens de apoio, entrevistar as fontes e editar o material sozinha. Para solucionar essa questão, optei por contratar Victor Fonseca, jornalista e grande amigo que conheci na Faculdade de Comunicação. Mais que a amizade, levei em conta o trabalho que é desenvolvido por ele, pois já fizemos vários trabalhos juntos e a experiência foi bastante positiva. Victor também me indicou Raquel Carvalho, bacharela em Artes com concentração em Cinema e Audiovisual, e colega que mantém sociedade em trabalhos audiovisuais.

Após conversas prévias, agendamos uma reunião no dia 2 de agosto para discutir o projeto, custos de produção e estratégias para as gravações. Esta conversa inicial fez com que eu preparasse um cronograma mais concreto para apresentar ao professor Marcelo Ribeiro. Sem dúvidas, esse foi um momento essencial para o início da produção deste trabalho. Pois, além de ter mudado de orientação entre as disciplinas de Desenvolvimento Orientado de Projeto (COM117) e Trabalho de Conclusão de Curso (COM118), fiz alterações na proposta do projeto. Antes da mudança, a proposta seria criar um canal no YouTube com reportagens sobre representatividade negra destinado às crianças. O processo de orientação em COM117, com a professora Juliana Gutmann, fez com que eu avaliasse as possibilidades e percebesse a inviabilidade do formato da ideia anterior. Tal inviabilidade se refere à continuidade do canal e tempo hábil de produção. Diante disso, para manter o tema representatividade negra na infância, apenas busquei outras alternativas para continuar com um produto audiovisual.

Antes de iniciar as gravações, no dia 28 de agosto, encontrei Victor e Raquel novamente para alinharmos a rotina de produção, datas e locações das filmagens. Depois disso, criei um grupo com eles no WhatsApp para mantermos uma comunicação compartilhada durante todo o processo de gravação e edição, já que nem sempre poderíamos nos encontrar pessoalmente. A criação do grupo viabilizou a colaboração da equipe e coordenação do trabalho. O grupo promoveu discussões e questões importantes para o trabalho, como ideias para as imagens e informações da agenda de gravações. Ao pensar nisso, é possível fazer uma comparação com a prática jornalística nas reuniões de pauta.

3.2 ESCOLHA DAS PAUTAS

O esforço de pensar nas pautas serviu de bússola e deixou a produção mais organizada. As ideias para as pautas foram surgindo a partir das leituras e pesquisas realizadas em diversas plataformas, que foram citadas na seção anterior. Além de conhecer produtos e temáticas relacionadas, busquei referências para poder pensar em uma identidade própria junto à proposta da série *Espelho Meu*. Além de motivações pessoais decorrentes da minha proximidade com o tema, recorri às teorias jornalísticas sobre critérios de noticiabilidade para embasar ainda mais as minhas escolhas. Diante disso, vale destacar o conceito de enquadramento proposto por Goffman (1975) que o define como uma “ideia organizadora central para dar sentido a acontecimentos relevantes e sugerir o que é um tema” (Goffman, 1975 apud TRAQUINA, 2005, p. 16).

Assim como as pautas guiam a reportagem, os enquadramentos funcionam como recortes para que diversas realidades sociais sejam noticiadas e narrativas sejam contadas.

Pensei no enquadramento das reportagens como molduras para *Espelho Meu*. A partir dos critérios de noticiabilidade ou valores-notícia, Traquina (2005) propõe definir:

[...] noticiabilidade como o "conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Assim os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo valor-notícia. (TRAQUINA, 2005, p. 63)

Em consonância com os valores-notícia listados por Traquina (2005), os que mais têm relação com as pautas deste trabalho são os que se referem a relevância, proximidade e personalização. O primeiro diz respeito à relevância do tema e o impacto que poderá ter sobre o público, além de também estar relacionado à proximidade cultural. Vale destacar que isso pode ser observado por meio do próprio tema, das fontes escolhidas e das iniciativas realizadas por elas. Em meio ao planejamento do projeto, tinha em mente que gostaria de focar em ações criadas em Salvador para encontrar as personagens das pautas. O objetivo era estabelecer um vínculo de identificação através da proximidade presente nos temas e personagens das reportagens.

A personalização se refere à valorização dada aos atores significativos envolvidos no acontecimento. Na série, esse valor pode ser percebido na forma como os personagens aparecem e têm seus projetos apresentados nas reportagens. Por fim, o valor inesperado também pode ser elencado na noticiabilidade das pautas, já que se trata de um tema que vem sendo explorado recentemente e ainda há muito o que se desvendar nesse universo.

Abaixo descrevo as três pautas que desenvolvi para a série de reportagens *Espelho Meu*.

Primeira pauta

Título: Ensino afrocentrado na infância

Descrição: A reportagem de estreia da série *Espelho Meu* mostra a Escolinha Maria Felipa, idealizada por Bárbara Carine, e o projeto Afroinfância, criado por Caroline de Jesus Adesewa. As iniciativas visam a valorização da identidade negra na educação infantil através de uma metodologia decolonial e afrocentrada, estratégias que rompem com a perspectiva eurocêntrica de ensino.

Fontes: Bárbara Carine Pinheiro e Caroline de Jesus Adesewa

Duração: 7min55s

Segunda pauta

Título: Valorização da estética negra

Descrição: A segunda reportagem da série *Espelho Meu* discute a valorização da estética negra a partir da narrativa do livro infantil *Tóim, cadê você?*, de Tamires Lima, do Instituto de Beleza Essência dos Cachos, idealizado por Flávia Santana, e da psicóloga Laura Augusta.

Fontes: Tamires Lima, Flávia Santana e Laura Augusta

Duração: 5min57s

Terceira pauta

Título: Entretenimento representativo

Descrição: Na terceira e última reportagem da série *Espelho Meu*, apresentamos o ateliê Amora, idealizado por Geo Nunes, a animação *Aventuras de Amí*, dirigida por Maria Carolina e Igor Souza, e o livro *As Mulheres Abayomi*, de Adilson Passos. As iniciativas são destinadas à valorização da representatividade negra na infância.

Fontes: Geo Nunes, Maria Carolina, Igor Souza e Adilson Passos

Duração: 7min52s

3.3 FONTES

Em qualquer gênero jornalístico, a fonte acaba assumindo um importante papel na construção da narrativa feita pelo repórter. “Poucas matérias jornalísticas originam-se integralmente da observação direta. A maioria contém informações fornecidas por instituições ou personagens que testemunham ou participam de eventos de interesse público” (LAGE, 2011, p. 22).

A partir disso, Lage (2011) diz que as fontes primárias são aquelas em que o jornalista vai se basear para colher as informações essenciais para a sua matéria. Elas são responsáveis em fornecer dados, versões e fatos. Para o autor, as fontes responsáveis por fornecer as entrevistas são classificadas em três grupos. O primeiro se refere às fontes oficiais, oficiosas e independentes. As oficiais são ligadas diretamente ao Estado, empresas ou organizações. As oficiosas mantêm ligações com essas instituições, mas não podem falar oficialmente por elas. Já as independentes “são consideradas 'agentes espontâneos' e 'desvinculados de qualquer interesse'” (LAGE, 2011, p. 30). O segundo grupo engloba as fontes primárias e secundárias, aquelas que servem para a coleta de dados essenciais para a matéria, no caso das primárias, e as usadas como consulta e complemento da pauta, em relação às secundárias. Por fim, o terceiro se refere às fontes são os *experts* e as testemunhas. Os *experts* dão versões sobre determinado tema ou evento. As testemunhas dão sua visão sobre algo que lhe é apresentado.

As fontes que estão presentes em *Espelho Meu* podem ser definidas como fontes primárias e oficiais, com exceção da psicóloga Laura Augusta, que além de fonte primária pode ser considerada como *expert*. Todas as fontes foram escolhidas após leituras e pesquisas realizadas entre os meses de julho e agosto. No dia 19 de agosto, comecei a entrar em contato com as fontes que deram vida às reportagens. Para isso, enviei e-mails para todas e depois do retorno delas mantive contato através de mensagens pelo Instagram e WhatsApp para combinar as entrevistas. Essa fase durou três semanas, de 19 de agosto a 9 de setembro. Após o primeiro retorno das fontes, o maior desafio foi definir a data, o horário e o local para as entrevistas respeitando as condições dos entrevistados e a agenda da equipe de gravação, além de não prejudicar o cronograma. Vale destacar que a maioria das fontes demorou em média uma semana para responder os e-mails. Diante disso, só foi possível iniciar as gravações no dia 2 de setembro.

Abaixo descrevo todas as fontes que participam da série. Elas estão organizadas conforme a listagem das pautas do tópico anterior:

3.3.1 Bárbara Carine Pinheiro

Figura 1. Bárbara Carine, consultora pedagógica da Escolinha Maria Felipa



O nome da Profa. Dra. Bárbara Carine Pinheiro como entrevistada surgiu depois que entrei em contato com a Escolinha Maria Felipa. Ela é uma das criadoras do projeto e consultora pedagógica da instituição, o que torna possível classificá-la como uma fonte oficial e primária. A escola afro-brasileira bilíngue Maria Felipa iniciou o ano letivo neste ano e integra turmas

do segundo ao quinto ano. Com uma metodologia decolonial, a instituição propõe um ensino baseado na cultura afrobrasileira, africana e ameríndia.

A metodologia decolonial é uma perspectiva pedagógica que vai na contramão do processo de colonização. Porque a gente parte do pressuposto que o Brasil deixou de ser colônia de Portugal em 1822, mas os padrões da colonialidade permanece na nossa cabeça até os dias de hoje. Então, a decolonialidade vai na contramão desse movimento eurocentrista buscando valorizar os outros marcos civilizatórios que constituíram esse país: os povos ancestrais, os povos originários, os povos ameríndios, que já viviam aqui. Por isso, a gente não celebra o dia do descobrimento do Brasil. A nossa data aqui é o dia dos povos originários. Em que a gente vai estudar a população ameríndia para fazer uma contraposição desse lugar de que o Brasil estava aqui sem ninguém, com povos bárbaros, animais e que foi descoberto por humanos europeus. Então, a decolonialidade é isso, mas obviamente, é uma escola afro-brasileira e o norte maior é a questão africana e afro-diaspórica, justamente porque Salvador é constituída por mais de 80% da população negra. Então, grande parte das nossas discussões vão estar perpassando pela questão étnico-racial. (PINHEIRO, 2019)

Cabe lembrar que meu interesse na iniciativa surgiu nas primeiras discussões sobre o TCC na disciplina Elaboração de Projeto (COM116), entre agosto e setembro de 2018, quando uma colega falou sobre o projeto. Desde então, comecei a acompanhar a Escolinha Maria Felipa nas redes sociais e fiquei encantada com a proposta da instituição.

Na entrevista, Bárbara contou que a concepção da escola está diretamente ligada ao processo de adoção da sua filha com o companheiro, Ian Cavalcante, também diretor da Escolinha Maria Felipa. Eles desejavam adotar uma menina negra e já almejavam que a criança tivesse uma educação representativa. No entanto, as condições de grande parte das escolas particulares não eram animadoras, pois não eram instituições inclusivas. A rede pública era a opção inicial, mas deixou de ser, pois o casal não queria ocupar uma vaga que poderia ser de uma família mais necessitada.

A entrevista com ela foi a primeira que fiz para a série. Ocorreu no dia 03 de setembro, na Escolinha Maria Felipa, localizada na Federação. Antes da entrevista, pude conhecer as instalações da escola e parte da equipe de profissionais através do auxílio da secretária Lorena Lacerda. Neste momento, também foi possível adiantar algumas imagens de cobertura que foram autorizadas previamente pela instituição. Quanto às imagens de cobertura, gravamos partes importantes da estrutura da escola e elementos lúdicos, como a fachada, recepção, quadros, cartazes, brinquedos. Após a entrevista, gravamos outras imagens de cobertura com as crianças.

3.3.2 Caroline de Jesus Adesewa

Figura 2. Caroline de Jesus Adesewa, idealizadora do projeto Afroinfância



O nome da pedagoga e professora Caroline de Jesus Adesewa surgiu como entrevistada após eu conhecer o trabalho desenvolvido por ela no perfil Afroinfância⁷, no Instagram. Criado em 2018, o projeto promove uma educação afrocentrada e ressalta a identidade negra na educação infantil, além de abordar a aplicação da lei 10.639. No perfil, Caroline traz essa discussão através da sua vivência profissional em uma escola infantil, dos livros representativos, das brincadeiras, atividades e eventos voltados ao tema.

Caroline é graduada em pedagogia pela UFBA e autora da monografia “Reconstruindo os espelhos quebrados: a autoestima da criança negra e a Lei 10.639”. A entrevista com ela foi a última que fiz para a série. Ocorreu no dia 24 de setembro, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no Cabula. O local da gravação foi uma escolha de Caroline que está fazendo um curso na instituição.

⁷ Disponível em: <<https://www.instagram.com/afroinfancia/?hl=pt-br>>. Acesso em: 29 de outubro de 2019.

3.3.3 Tamires Lima

Figura 3. Tamires Lima, escritora e designer



O interesse em entrevistar a designer e professora da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Tamires Lima, surgiu após conhecer o seu trabalho no livro infantil *Rainhas* (2018), de Ladjane Souza. Com ilustrações dela, o livro me chamou atenção por discutir e promover a ampliação de representatividade de uma forma lúdica através de personagens negros. Após a leitura, me deparei com a apresentação de Tamires no final do livro e conheci dois de seus outros livros: *Tóim, Cadê Você?* (2014) e *Fabrincando* (2015).

O primeiro livro aborda a valorização do cabelo crespo e conta a história de Lu, uma menina que reclamava tanto com seu cabelo chamado *Tóim* que ele fugiu. Ao procurar a ajuda de sua avó, Flor, Lu aprende que o cabelo crespo é lindo e após pedir desculpas eles se tornam amigos inseparáveis; já o segundo livro ensina a fazer brinquedos artesanais e conta como e quando surgiu algumas brincadeiras populares. Diante disso, não podia deixar passar despercebido a forte ligação de Tamires com o universo infantil e a relevância de seu trabalho e contribuição para este projeto. Ao ler o livro *Tóim, Cadê Você?*⁸, cheguei à conclusão de que, além de falar de entretenimento para crianças negras, poderíamos discutir a questão estética e valorização da beleza desse público.

A entrevista com ela ocorreu no dia 5 de setembro, no Instituto de Letras da UFBA, em Ondina. O local foi escolhido por conta da viabilidade, tanto para mim quanto para Tamires.

⁸ Disponível em: <<http://www.educacao.ba.gov.br/system/files/private/midioteca/documentos/2015/toim-cade-voce.pdf>>. Acesso em: 29 de outubro de 2019.

Ela mora próximo do campus e eu tinha outra entrevista agendada no mesmo local, com a psicóloga Laura Augusta.

3.3.4 Flávia Santana

Figura 4. Flávia Santana, idealizadora do Instituto de Beleza Essência dos Cachos



Flávia Santana é uma das entrevistadas por ser referência no tratamento de cabelos crespos e cacheados em Salvador. Em 2013, ela criou o Instituto de Beleza Essência dos Cachos (IBEC), na Liberdade, um dos bairros com maior população negra da capital baiana. A falta de informações sobre o próprio cabelo fez com que Flávia transformasse o conhecimento adquirido em cursos em um salão que pudesse atender as necessidades de cabelos crespos e cacheados.

A vontade de entrevistá-la surgiu após conhecer a sua história e o trabalho que desenvolve no IBEC e no Espaço Cachinhos, projeto destinado para atender as crianças. Além disso, a empresária realiza palestras e participa de projetos e iniciativas representativas para crianças negras.

A valorização do cabelo crespo e cacheado é algo que mexe muito comigo, pois só quem sofreu por não ter informações sobre o seu tipo de cabelo sabe o que isso significa. Além da falta de representatividade, o cabelo crespo carrega um significado muito importante para a população negra, principalmente para as crianças. Por isso, durante a elaboração das pautas, pesquisei fontes que pudessem falar sobre a importância de valorizar e falar sobre a estética negra para as crianças.

A entrevista com ela ocorreu no seu escritório no IBEC, no dia 03 de setembro, após sair da gravação na Escolinha Maria Felipa. Gravamos a entrevista e fizemos diversas imagens de cobertura no salão com algumas clientes que autorizaram a filmagem. Infelizmente, não havia crianças na ocasião para outras possibilidades de imagens.

3.3.5 Laura Augusta

Figura 5. Laura Augusta, psicóloga que atua com foco na população negra



Desde a elaboração das pautas, sabia da importância e necessidade de um ponto de vista da psicologia para a abordagem dos assuntos tratados em *Espelho Meu*. Estava focada em encontrar um (a) profissional que atuasse com o enfoque na população negra e que trouxesse a discussão para a perspectiva da infância. A entrevista com a psicóloga Laura Augusta foi uma possibilidade que surgiu após a leitura da matéria *Psicólogos articulam novas estratégias para lidar com os sofrimentos psíquicos produzidos pelo racismo* (2019)⁹. Publicada pelo jornal A Tarde, a matéria trata sobre novas estratégias para lidar com os sofrimentos psíquicos produzidos pelo racismo.

A psicóloga é umas das cofundadoras e coordenadora da Rede Dandaras, projeto que atua com foco na saúde mental da mulher negra. Além disso, é mestrandia do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos da

⁹ Disponível em: <<https://atarde.uol.com.br/muito/noticias/2084623-psicologos-articulam-novas-estrategias-para-lidar-com-os-sofrimentos-psiquicos-produzidos-pelo-racismo>>. Acesso em: 29 de outubro de 2019.

Universidade Federal da Bahia (PPGNEIM/UFBA) e coordenadora do Grupo de Trabalho de Psicologia e Relações Raciais – Conselho Regional de Psicologia 03 (GTPRR –CRP03).

Com Laura, pude discutir sobre os danos causados pelo racismo à construção e valorização da autoestima da criança negra em diversas áreas. A entrevista com ela ocorreu no dia 05 de setembro, na Faculdade de Comunicação da UFBA, em Ondina.

3.3.6 Geo Nunes

Figura 6. Geo Nunes, designer e idealizadora do ateliê Amora



O nome da designer Geo Nunes surgiu como entrevistada antes mesmo do amadurecimento deste produto. Era só pensar em representatividade para crianças negras que o trabalho desenvolvido por ela no ateliê Amora surgia em meio as ideias para produção das pautas. Conheci o projeto em 2018 após uma sugestão de pauta sobre a campanha de financiamento coletivo¹⁰ que o ateliê estava participando. Depois disso, fiz uma matéria¹¹ para o veículo de comunicação em que estava estagiando e comecei a acompanhar o Amora nas redes sociais. O ateliê nasceu em 2015 quando Geo percebeu a dificuldade de encontrar bonecas pretas nas lojas. Além de levar representatividade através da venda e doação de brinquedos

¹⁰ Disponível em: <<https://benfeitoria.com/amora>>. Acesso em: 29 de outubro de 2019.

¹¹ Disponível em: <<https://www.bahianoticias.com.br/mulher/empreender/127-empendedorismo-social-atelie-leva-representatividade-para-criancas.html>>. Acesso em: 29 de outubro de 2019.

(bonecas, quebra-cabeça, giz cor de pele), o ateliê realiza ações afirmativas como o “Eu brinco, Eu existo”¹², em escolas públicas de Salvador. Para receber o evento, a escola precisa trabalhar com uma educação antirracista e ter turmas de 0 a 6 anos. As instituições são selecionadas através de um formulário no site oficial do ateliê.

Na elaboração das pautas, falar sobre entretenimento e brincadeira era um dos meus maiores desejos. Qual criança que não quer se ver nos seus brinquedos? Sabia desde o início deste projeto que queria discutir essa questão e trazer iniciativas locais para discutir a importância disso. A entrevista com Geo ocorreu no dia 11 de setembro, na loja e espaço colaborativo Elementuá¹³, no Rio Vermelho. O local da gravação foi escolhido por ser um dos pontos de venda da marca. A ideia inicial seria gravar no espaço de produção do ateliê, mas por motivos pessoais da entrevistada não foi possível. Por isso, essa foi a melhor opção para também poder fazer imagens de apoio com os brinquedos.

3.3.7 Maria Carolina e Igor Souza

Figura 7. Maria Carolina e Igor Souza, diretores da animação Aventuras de Amí



¹² Mais informações sobre o projeto estão disponíveis em: <<https://www.amorabonecas.com.br/eu-brinco-eu-existo/>>. Acesso em: 29 de outubro de 2019.

¹³ O site do espaço está disponível em: <<https://elementua.business.site/>>. Acesso em: 29 de outubro de 2019.

A entrevista com a cineasta Maria Carolina surgiu após eu conhecer a série *Aventuras de Amí*¹⁴ (2018), através de uma sugestão do professor Marcelo Ribeiro. Ao assistir à animação, o fato de ver uma garota negra, de oito anos, como protagonista desbravadora de aventuras me deixou encantada. Além disso, a série traz outros personagens negros e aspectos simbólicos e regionais para a narrativa, a exemplo do sotaque baiano e gírias locais. Por meio dessas referências, *Aventuras de Amí* promove representatividade de uma forma sensível e lúdica.

Formada no Bacharelado Interdisciplinar de Artes com concentração em Cinema e Audiovisual da UFBA, Maria Carolina, é diretora, produtora, montadora e roteirista. Após agendarmos a entrevista, ela sugeriu o nome de Igor Souza, que também é diretor de arte e roteirista da série. Achei válida a participação dele pois teríamos dois pontos de vista diferentes sobre a produção da série e outras questões relacionadas à representatividade para as crianças negras. Igor Souza é formado em arquitetura, mas ainda na graduação começou a trabalhar como cenógrafo em peças de teatro e acabou indo também para o audiovisual como diretor de arte de filmes de ficção e animação. Maria Carolina e Igor começaram a trabalhar juntos em 2012. Entre os trabalhos realizados por eles estão o longa-metragem *Diários de Classe* (2019) e o curta de animação *Entroncamento* (2015). A entrevista com a dupla ocorreu no dia 12 de setembro, na casa de Maria Carolina.

¹⁴ Mais informações sobre a série estão disponíveis em: <<https://lanterninhaproducoes.wixsite.com/aventuras-de-ami>>. Acesso em: 6 de novembro de 2019.

3.3.8 Adilson Passos

Figura 8. Adilson Passos, designer e autor do livro *As Mulheres Abayomi*



O interesse em entrevistar o designer gráfico Adilson Passos surgiu depois de conhecer o livro *As Mulheres Abayomi*, onde ele traz a inspiração na força das mulheres, na cultura e na história das bonecas negras Abayomi. O livro me surpreendeu de uma forma muito positiva, pois nunca tinha ouvido falar nas bonecas ancestrais feitas de retalhos de pano, por meio de nós e amarrações. A palavra abayomi tem origem iorubá e significa “aquele que traz felicidade ou alegria e encontro precioso”. De acordo com Adilson, elas simbolizam amor, proteção e tudo de melhor que uma pessoa pode dar de si mesmo. A partir disso, vale mencionar a importante relação da cultura iorubá com o Brasil, em função da presença maciça de membros dessa etnia entre as pessoas escravizadas que foram trazidas para o país no passado.

Além do interesse pelo livro, achei muito interessante o fato de Adilson levar esse conhecimento adiante para as crianças em eventos de contação de histórias e oficinas de como fazer as bonecas. Diante disso, pensei em várias possibilidades que poderiam ser trabalhadas na reportagem, como a abordagem lúdica e ancestral propostas pelo livro e a confecção das bonecas abayomi.

A entrevista ocorreu no dia 23 de setembro, em um jardim próximo da portaria principal e da Escola de Dança da UFBA, em Ondina. O local favoreceu bastante a gravação por conta da iluminação natural e foi escolhido junto à fonte.

3.4 Entrevistas

A entrevista é uma fase tão importante quanto a definição das pautas e o retorno das fontes. Por isso, desenvolvi roteiros de perguntas para cada entrevistado com base nas pesquisas que havia realizado (ver Apêndice A). Isso fez com que eu não perdesse de vista os principais temas que são tratados em *Espelho Meu*, além de poder extrair mais informações com as fontes. Essa etapa contribuiu para o planejamento, organização e resultado das reportagens.

De acordo com Lage (2011), a entrevista é "um procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos" (LAGE, 2011, p. 33).

Sobre os tipos de entrevistas, Lage (2011, p. 32) define:

- a) rituais - são geralmente breves. O ponto de interesse está mais centrado na exposição (da voz, da figura) do entrevistado do que no que ele tem a dizer. Entrevistas de jogadores ou técnicos ou técnicos após a vitória ou a derrota, ou de visitantes ilustres, logo após sua chegada, costumam ter essa característica.
- b) temáticas - são entrevistas abordando um tema, sobre o qual se supõe que o entrevistado tem condições e autoridade para discorrer. Geralmente consistem na exposição de versões ou interpretações de acontecimentos.
- c) testemunhais - trata-se do relato do entrevistado sobre algo de que ele participou ou a que assistiu. A reconstituição do evento é feita, aí, do ponto de vista particular do entrevistado que, usualmente, acrescenta suas próprias interpretações.
- d) em profundidade - o objetivo da entrevista, aí, não é um tema particular ou um acontecimento específico, mas a figura do entrevistado, a representação de mundo que ele constrói, uma atividade que desenvolve ou um viés de sua maneira de ser geralmente relacionada com outros aspectos de sua vida.

A partir dessas definições, vale destacar que as “temáticas” e em “profundidade” foram utilizadas para a produção das reportagens deste produto. As temáticas se referem às entrevistas que abordam um tema que o entrevistado tem condições e autoridade para discutir. Esse tipo de entrevista pode contribuir para expor pontos de vistas e validar uma linha editorial através do argumento de autoridade da fonte. Já as entrevistas em profundidade não objetivam o tema, mas sim a figura do entrevistado ou uma atividade que ele desenvolve.

3.5 Gravação e equipamentos

A fase de gravação de *Espelho Meu* começou no dia 3 de setembro e terminou no dia 24 de setembro. Segundo o cronograma, o ideal seria levar no máximo duas semanas para finalizar todas as filmagens e assim ter mais tempo para a fase de decupagem, montagem e edição. No entanto, assim como Traquina (2005) alertou para a necessidade de lidar com o inesperado e como o jornalismo nos reserva muitas surpresas, precisei contornar alguns

imprevistos, como o adiamento das entrevistas de Adilson Passos e Caroline de Jesus Adesewa e mudanças da locação da entrevista, a exemplo de Geo Nunes. Além disso, precisei reorganizar a agenda com a equipe de gravação, Victor Fonseca e Raquel Carvalho, pois eles atuavam em outros trabalhos.

Sobre a gravação das entrevistas, como o objetivo das reportagens era dar destaque aos entrevistados, utilizamos enquadramentos tradicionais da linguagem audiovisual e comuns do próprio jornalismo, como primeiro plano e plano médio. O primeiro plano mostra o entrevistado da altura dos ombros até a cabeça, já o plano médio captura da cintura até a cabeça. Esses tipos de enquadramentos enfatizam as falas, expressões e reações das fontes. Apesar de as entrevistas serem conduzidas por mim, conversei com as fontes e pedi para que elas olhassem para a câmera durante as respostas. O objetivo era reforçar a proximidade e identificação do personagem com o espectador, por meio do olhar direto das pessoas entrevistadas para a câmera. Todas as fontes assinaram um termo de direito de imagem após as filmagens.

As gravações das imagens de apoio foram mais livres, pois tentamos aproveitar ao máximo as possibilidades da entrevista e locação, a exemplo da Escolinha Maria Felipa. Esse foi o único momento em que fizemos imagens com crianças. Por isso, adaptamos e utilizamos diferentes enquadramentos levando em conta as opções disponíveis do local e a relação com a proposta da pauta. Na gravação da escola, fizemos imagens desfocadas das crianças, gravamos em close, plano geral. Quanto a realização dessas imagens, antes de começar a gravação observamos as crianças e conversamos com a professora auxiliar da turma, Marla Santos. Aos poucos fomos nos aproximando das crianças que estavam brincando e fazendo pinturas. As escolhas visuais foram pensadas com o objetivo de preservar a identidade e conforto das crianças, como havia acordado com a instituição.

Figura 9. Imagens desfocadas das crianças na Escolinha Maria Felipa



Figura 10. Imagens detalhando as atividades das crianças



Apesar de organizarmos previamente tudo que seria gravado em cada entrevista, não foi possível fazer imagens de apoio com todas as fontes, a exemplo de Caroline de Jesus Adesewa (Afroinfância). No caso de Caroline, a ideia inicial seria gravá-la em um dos eventos de contação de histórias que ela participa, entretanto não houve nenhum agendamento durante o período das filmagens. Para preencher essa lacuna, utilizamos imagens e vídeos de arquivo dos projetos disponibilizados por ela. Além disso, cabe ressaltar que a estratégia de imagens de arquivo também foi utilizada com outras fontes: Flávia Santana (Instituto de Beleza Essência

dos Cachos), Geo Nunes (Ateliê Amora) e Maria Carolina e Igor Souza (*Aventuras de Amí*). Nos últimos exemplos, as imagens de apoio dos projetos serviram como complemento para a narrativa das reportagens.

Em relação aos equipamentos utilizados nas filmagens, todos eram de propriedade dos profissionais responsáveis pelas gravações. Para a captura de imagens, foi usada uma câmera Canon T5 (com lentes de 50 mm e 18-55 mm), um tripé e dois aparelhos de *soft box* com lâmpadas fluorescentes. O *soft box* é um dispositivo de iluminação utilizado para se obter uma luz suave em fotos e gravações audiovisuais. O equipamento para iluminação só não foi utilizado na gravação com Adilson Passos, pois a iluminação natural do local já era suficiente.

Já os áudios das entrevistas foram captados através de um microfone lapela que era colocado nos entrevistados, com exceção da entrevista feita com Maria Carol e Igor Souza. Na referida entrevista, não havia disponibilidade de dois microfones e captamos o áudio com um gravador Sony. Todas as gravações foram feitas em dias úteis pela manhã e tarde, conforme a disponibilidade das fontes e da equipe.

3.6 DECUPAGEM DO MATERIAL

A decupagem das filmagens foi iniciada um pouco antes do término das gravações, no dia 19 de setembro. O objetivo inicial era começar na primeira semana de gravação, mas não tinha espaço suficiente no meu notebook e nenhum dispositivo para armazenar todas as filmagens com segurança. Devido à filmagem em alta resolução e tempo de gravação, os arquivos ficaram muito pesados. Diante disso, precisei comprar um HD externo para que pudesse receber o material da equipe de gravação.

Com o material em casa, além do armazenamento no HD externo, salvei algumas entrevistas que couberam no pendrive e computador e todo o restante no Google Drive. Com 105 arquivos, o tamanho total dos materiais foi de 75,3 GB. A quantidade total de horas filmadas foi de aproximadamente 3 horas e 45 minutos. Para melhor organização do trabalho, as entrevistas foram salvas em pastas individuais junto às imagens de apoio. Por exemplo, criei oito subpastas com as filmagens de cada fonte dentro de uma pasta geral nomeada Gravação TCC. Iniciar a decupagem com quase todas as entrevistas em mãos possibilitou que eu tivesse maior controle com os conteúdos e uma visão mais ampla acerca do futuro das reportagens.

A partir desta visão, separei as fontes das três reportagens e fui vendo cada uma para não perder de vista os objetivos das pautas. Nesta etapa, foi realizada a minutagem da entrevista a partir das respostas das fontes. Para isso, escrevi a temática da pergunta e o início e fim das

falas dos entrevistados, além disso, com base nas pautas, destaquei o conteúdo que seria importante para a elaboração do roteiro de edição.

Durante a fase de decupagem também foi possível identificar um problema que não tinha percebido nas gravações das entrevistas de Bárbara Carine, coordenadora pedagógica da Escolinha Maria Felipa, e Geo Nunes, designer e idealizadora do ateliê Amora. As duas fontes ficaram com a luz do *soft box* refletida nas lentes dos óculos. Nas imagens de Bárbara, isso ficou ainda mais evidente, pois ela estava usando óculos escuros. Apesar de não percebermos na hora da gravação, o problema poderia ter sido resolvido com a mudança do posicionamento dos equipamentos de iluminação.

Diante da impossibilidade de regravar o material novamente, pensamos em alternativas de montagem e edição que amenizassem o problema, como o uso de imagens de apoio em meio às falas das entrevistadas, *offs* e recursos de edição. No caso de Bárbara, utilizei *offs* sobre a criação e objetivo da Escolinha Maria Felipa junto às imagens de apoio da instituição. Isso fez com que não fosse necessário explorar tanto a imagem de Bárbara, além de enriquecer a narrativa da reportagem com a apresentação da escola. Já no caso de Geo Nunes, utilizei imagens de apoio dos brinquedos vendidos na Elementuá, gravadas no momento da entrevista, além das imagens de arquivo disponibilizadas por ela.

3.7 ROTEIROS E EDIÇÃO DAS REPORTAGENS

A elaboração dos roteiros de edição das reportagens foi iniciada no dia 5 de outubro, quando consegui elaborar uma estrutura para organizar os conteúdos (ver Apêndice B). Busquei referências sobre roteirização em sites¹⁵ no Google e fui adaptando as ideias com as informações que seriam importantes para a construção da narrativa e edição do trabalho. Após a pesquisa, criei uma tabela dividida em cinco colunas como cena, imagem, áudio, texto e tempo.

Assim como a elaboração das pautas, que também serviu como um roteiro inicial para as gravações, a criação dos roteiros para a edição foi uma etapa desafiadora e decisiva para a conclusão do trabalho. Por se tratar de um conteúdo seriado, tive que pensar em alternativas que fossem comuns entre as três reportagens para formar a identidade da série.

Inicialmente, fiz uma pasta exclusiva para edição no Google Drive e compartilhei com Victor Fonseca e Raquel Carvalho, no dia 7 de outubro. Para a organização do trabalho, fiz três

¹⁵ Esse site foi uma das referências que mais utilizei na adaptação da estrutura dos roteiros. Disponível em: <<https://www.blogs.unicamp.br/apedra/2018/08/30/dicas-para-a-criacao-de-roteiros-curtos/>>. Acesso em: 01 de novembro de 2019.

subpastas para colocar os conteúdos de cada reportagem, como as imagens e vídeos de arquivo, *offs* e roteiros. Depois disso, finalizei o primeiro roteiro e disponibilizei na pasta no dia 8 de outubro. O objetivo era adiantar uma reportagem e receber uma amostra da edição para apresentar ao professor Marcelo Ribeiro, no dia 17 de outubro. Em meio a isso, fiz os outros dois roteiros e disponibilizei na pasta nos dias 14 e 17 de outubro, quando terminei todas as indicações. As duas reportagens foram entregues editadas no dia 29 de outubro.

Em relação aos *offs* produzidos para as reportagens (ver Apêndice C), todos foram feitos após a estruturação do roteiro e gravados por mim através do gravador de voz do meu celular, um Samsung Galaxy A10. O *off*, texto narrado por repórter coberto por imagens, é um recurso muito utilizado no jornalismo. Aplicado nas três reportagens, o recurso contribuiu para a dinâmica das narrativas com o uso das imagens de cobertura. Além disso, foi uma maneira que encontrei para conectar as histórias. Na elaboração dos *offs*, levei em conta o que estava sendo dito pelas fontes a fim de trazer informações importantes e novas para as reportagens. A exemplo disso está o primeiro *off* da reportagem *Ensino afrocentrado na infância*, onde falo sobre a criação e objetivo da Escolinha Maria Felipa.

3.7.1 Finalização das reportagens

Para fazer os últimos ajustes de edição e finalizar as três reportagens tive um último encontro com Victor Fonseca, no dia 3 de novembro. Neste momento, desenvolvemos os grafismos que seriam utilizados na vinheta de abertura e nas legendas das fontes. Como queria algo simples e minimalista, trabalhamos com as cores preto e branco na vinheta e acrescentamos o amarelo nas legendas. Além disso, optamos pela leveza ao utilizar uma fonte mais fina, UniSansBook e UniSansSemiBold. Na abertura, também optamos em utilizar um *background* de vozes de crianças para reforçar e criar uma relação com o tema proposto em *Espelho Meu*, já que o som aparece junto ao título. O termo inglês *background*, conhecido pela sigla BG, se refere à parte sonora de um programa, composta por sons como ruídos, músicas e vozes.

Figura 11. Vinheta de apresentação de *Espelho Meu*



A série de reportagens foi montada e editada no programa Adobe Premiere Pro e todos os grafismos foram feitos no programa Adobe After Effects. Os modelos dos grafismos utilizados na série foram baixados no site Evanto Elements¹⁶.

Figura 12. Grafismos utilizados nas legendas de *Espelho Meu*



¹⁶ Disponível em: <<https://elements.envato.com/>>. Acesso em: 5 de novembro de 2019.

3.8 PUBLICAÇÃO DA SÉRIE

Tendo em vista o planejamento e publicação desta série no YouTube, se faz necessário destacar como o advento e fortalecimento da internet ampliou as práticas comunicativas, a produção e o consumo de produtos jornalísticos. Isso compreende a forma como as pessoas passam a utilizá-las, uma nova lógica de consumo e produção, e como os usuários vão interagir e se apropriar dessas tecnologias. A exemplo do YouTube e outras mídias digitais, que proporcionam um cenário onde qualquer indivíduo pode produzir e disseminar vídeos, imagens, sons, entre outros conteúdos.

Diante disso, a produção e veiculação de *Espelho Meu* foi pensada a partir das novas formas de consumo e produção jornalística. O fenômeno contribuiu para determinar características como a duração das reportagens, títulos, grafismos e descrições dos vídeos publicados no YouTube.

Com variação de cinco a oito minutos, a duração das reportagens foi pensada considerando a dinâmica e o comportamento do público da plataforma. Do ponto de vista dos títulos, foram pensadas palavras-chave que melhor identificam os conteúdos das reportagens e, ao mesmo tempo, têm potencial para atrair espectadores. O grafismo foi desenvolvido para, além do caráter informativo, criar uma identidade visual para a série. Por fim, as descrições trazem informações sobre o que a reportagem aborda da maneira mais simples e objetiva possível, fornecendo detalhes que possibilitam o engajamento dos usuários.

Publicada no YouTube, a série *Espelho Meu* pode ser acessada através do link: (<https://www.youtube.com/playlist?list=PLWdI455JDmCNfFR-G1EZL6A1Q601SkR43>). A série foi disponibilizada e organizada em uma playlist com mesmo nome, no dia 10 de novembro. Para isso, as reportagens foram carregadas uma a uma na plataforma. Após o carregamento e criação da playlist, as informações das reportagens como títulos e descrições foram preenchidas.

Figura 13. Playlist da série *Espelho Meu* publicada no YouTube

3.9 Custos de produção

ITEM	VALOR (R\$)
Gravação e edição	950,00
Transporte (Uber)	85,00
HD externo	287,63
TOTAL	1.322,63

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de produção de *Espelho Meu* mexeu comigo de várias maneiras, pois junto com a decisão pelo produto veio o medo de não dar conta de um projeto tão ousado. A pouca experiência com audiovisual, a mudança de orientação, o tempo curto e todas as inseguranças típicas deste fechamento me fizeram questionar se devia continuar ou não com a ideia. Apesar disso, posso dizer que a dúvida foi uma fase passageira. Nada conseguia tirar da minha cabeça o que já estava em mim há muito tempo. A produção da série podia parecer uma realidade distante naquele momento, mas já tinha tomado conta do meu coração. A Rafaela, de 12 anos atrás, que sofria com a falta de representatividade, precisava disso, e a de agora queria contribuir para o debate sobre a importância da representatividade negra na infância.

A partir das pesquisas e leituras, pude ganhar mais segurança em relação ao tema escolhido, além de enxergar diversas possibilidades acerca da produção da série. Nesta fase, destaco o momento de elaboração das pautas que foi fundamental para a narrativa que seria adotada nas reportagens. Conhecer iniciativas e personagens relacionados às temáticas reafirmou a necessidade da pesquisa e me deixou esperançosa quanto à viabilidade do produto. Outro ponto positivo, foi ter várias bibliografias de pesquisadores negros, principalmente mulheres, como norte durante o percurso.

Também cabe destacar a fase de gravações das entrevistas, onde obtive muito aprendizado, tanto de jornalismo quanto de visão de mundo. Por meio das falas das fontes, era possível perceber e entender a importância dos projetos que eles estão à frente. A cada entrevista, era inevitável não pensar: “Todo mundo precisa saber que existe isso aqui!”. Diante disso, acredito que esse sentimento foi também comum aos entrevistados tendo em vista a forma como abraçaram a proposta de *Espelho Meu*.

Ainda no âmbito do desenvolvimento da série, é preciso mencionar algumas das dificuldades enfrentadas neste processo. A primeira se refere a um fator comum do jornalismo e no audiovisual, que é conciliar a disponibilidade das fontes ao cronograma de produção. Conforme o planejamento, pretendia finalizar as gravações em no máximo duas semanas. No entanto, tive que estender esse prazo devido aos contratemplos e duas remarcações de entrevistas. Outra dificuldade foi a escassez ou ausência de bibliografias sobre alguns conceitos trabalhados neste trabalho, como a noção de infância voltada para a realidade das crianças negras e sobre a serialidade no jornalismo.

Após as colocações sobre as contribuições do trabalho e dificuldades de sua produção, resta ressaltar as possibilidades que ficam abertas com a conclusão de *Espelho Meu*. O primeiro ponto é de expandir o debate sobre representatividade negra na infância em outras mídias, a exemplo de produções televisivas e impressas. Cabe pontuar que isso pode ser feito a partir das iniciativas apresentadas na série e de novas histórias e projetos que também podem ser explorados. Por entender a complexidade e importância do tema, considero a possibilidade de pensar em outros projetos que tragam essa discussão, como a produção de especiais multimídias.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única* / Chimamanda Ngozi Adichie; tradução Julia Romeu. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ADICHIE, Chimamanda. *O Perigo da História Única*, vídeo. Nova Iorque e Vancouver, TEDGlobal, 18m 49s, 2009. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story#t-32188>. Acesso em: 11 de novembro de 2019.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?*. Belo Horizonte: Letramento, p. 19-82, 2018.
- ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Tradução de Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, p. 10-135, 1986.
- AVANTE. *Comércio de bonecas ainda não entendeu: #RepresentatividadeImporta*. Salvador, 2018. Disponível em: <<http://www.avante.org.br/comercio-de-bonecas-ainda-nao-entendeu-representatividadeimporta/>>. Acesso em: 9 de novembro de 2019.
- AVENTURAS DE AMÍ. Direção de Maria Carolina e Igor Souza. Salvador: Lanterninha Produções; co-produção da Movioca - Content House, 2018. Série (13 episódios). Disponível em: <<https://lanterninhaproducoes.wixsite.com/aventuras-de-ami>>. Acesso em: 8 de setembro.
- BÁRBARA CARINE PINHEIRO. Entrevistada pela autora. 3 de set. 2019, Salvador, gravação em vídeo [arquivada em HD externo].
- BERTH, Joice. *Empoderamento* / Joice Berth. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 23-116, 2019.
- GELEDÉS, Instituto da Mulher Negra. *Chimamanda Adichie: o perigo de uma única história*. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/chimamanda-adichie-o-perigo-de-uma-unica-historia/>>. Publicado em 16 de março de 2010. Acesso em: 9 de novembro de 2019.
- GONZALEZ, Lélia e HASENBALG Carlos. *Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1982.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade* / Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro - 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, p. 13-40, 2006.
- HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, p. 18-49, 2016.
- LAGE, Nilson. *A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. 9ª. Ed. Rio de Janeiro: Record, p. 16-33, 2011.
- LIMA, Tamires. *Tóim, cadê você?* / Tamires Lima; ilustrado por Tamires Lima. Salvador: Secretaria da Educação, Secretaria de Cultura, 2014. Disponível em: <<http://www.educacao.ba.gov.br/system/files/private/midioteca/documentos/2015/toim-cade-voce.pdf>>. Acesso em: 11 de novembro de 2019.
- MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. São Paulo: Editora SENAC, p. 83-98, 2005.
- MENDONÇA, Tatiana. *Psicólogos articulam novas estratégias para lidar com os sofrimentos psíquicos produzidos pelo racismo*, 2019. Matéria publicada na revista Muito, do jornal A Tarde, Salvador. Disponível em: <<https://atarde.uol.com.br/muito/noticias/2084623->

psicologos-articulam-novas-estrategias-para-lidar-com-os-sofrimentos-psiquicos-produzidos-pelo-racismo>. Acesso em: 29 de outubro de 2019.

MOREIRA, Adilson. *Racismo Recreativo* / Adilson Moreira. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, p. 44, 2019.

MOREIRA, Marília. *Procuram-se bonecas pretas: crianças ainda sofrem com falta de representatividade*, 2018. Matéria publicada no jornal Correio, Salvador. Disponível em: <<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/procuram-se-bonecas-pretas-criancas-ainda-sofrem-com-falta-de-representatividade/>>. Acesso em: 1 de novembro de 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Convenção dos Direitos da criança*. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>>. Acesso em: 11 de novembro de 2019.

PASSOS, Adilson. *As mulheres Abayomi*/ Adilson Passos; ilustrado por Adilson Passos. Lauro de Freitas: Solisluna, 2018.

REPRESENTATIVIDADE. *Dicionário do Aurélio Online*, 2019. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/representatividade>>. Acesso em: 29 de julho de 2019.

RIEDO, Cássio. *Dicas para a criação de roteiros curtos*. A Pedra, 30 de agosto de 2018. Disponível em: <<https://www.blogs.unicamp.br/apedra/2018/08/30/dicas-para-a-criacao-de-roteiros-curtos/>>. Acesso em: 9 de novembro de 2019.

SILVA, Ana Célia da. *A representação social do negro no livro didático: o que mudou? por que mudou?* / Ana Célia da Silva. Salvador: EDUFBA, p. 31, 2011.

SILVA, Ana Célia da. *Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático*. 2ª ed. Salvador: EDUFBA, 2010.

SOUSA, Ladjane. *Rainhas* / Ladjane Alves Sousa, ilustrações de Tamires Lima. Salvador: EDUFBA, 2018.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo*. A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, p. 16-63, 2005.

APÊNDICE

APÊNDICE A – ROTEIROS DE ENTREVISTAS

Entrevista do dia 03/09- Bárbara Carine, consultora pedagógica da Escolinha Maria Felipa

1. Como foi o processo de criação da Escolinha Maria Felipa? Qual motivo para a escolha do nome?
2. De que forma a escolinha se relaciona com a sua história de vida? Você já trabalhou com crianças anteriormente?
3. A Escolinha traz a proposta de um ensino decolonial. Como você define essa metodologia?
4. Quais são as contribuições que o ensino da cultura afro-brasileira proporciona para a formação das crianças?
5. A noção de representatividade é algo muito pautado pela instituição. De que maneira isso influencia no processo de construção da autoestima das crianças?
6. Qual a sua opinião acerca da lei 10.639? Quais barreiras precisam ser superadas para a sua plena efetivação?
7. Como vocês utilizam as redes sociais para a comunicação com os colaboradores da instituição, os pais e a comunidade?
8. Qual o momento mais marcante da sua trajetória desde a criação da Maria Felipa?
9. Existem planos de expansão da iniciativa educacional Maria Felipa? O que vocês planejam para o futuro?
10. O que é representatividade para você?

Entrevista do dia 03/09- Flávia Santana, cabeleireira e proprietária do Instituto de Beleza Essência dos Cachos

1. Quando surgiu o interesse de se especializar em cabelos crespos e cacheados?
2. Como foi o processo de criação do salão?
3. Qual a importância do salão está localizado em um dos bairros mais negros de Salvador?
4. Quais são os cuidados necessários com os cabelos crespos? De que forma isso interfere na autoestima?

5. Qual o perfil do público que frequenta o salão? (idade, bairro, local onde mora) Você recebe muitas crianças?
6. No âmbito familiar, o que pode ser feito para valorizar a autoestima das crianças negras?
7. Você acredita que estamos passando por um momento de maior democratização da informação sobre o cabelo crespo?
8. Qual o momento/história mais marcante da sua trajetória desde a criação do salão?
10. O que é representatividade para você?

Entrevista do dia 05/09 – Tamires Lima, designer e autora dos livros *Fabricando e Tóim, cadê você?*

1. Como e quando começou o seu interesse em pautar temas raciais dentro do universo infantil?
2. Como nasceu o livro *Tóim, cadê você?* O que te motivou?
3. O que inspira suas ilustrações?
4. Qual a reação das crianças ao verem seu trabalho?
5. No âmbito familiar, o que pode ser feito para valorizar a autoestima das crianças negras?
6. Como você enxerga o mercado de entretenimento para crianças negras na Bahia. O que ainda falta na sua opinião?
7. A noção de representatividade é algo que tem sido pautado atualmente. De que maneira isso influencia no processo de construção da autoestima das crianças negras?
8. Você acredita que estamos passando por um momento de maior democratização da informação sobre o cabelo crespo?
9. O que é representatividade para você?

Entrevista do dia 05/09 – Laura Augusta, psicóloga

1. Como foi a criação do projeto Rede Dandaras? Falar sobre a atuação com a população negra.
2. A noção de representatividade é algo que tem sido muito pautado atualmente. De que maneira isso influencia no processo de construção da identidade e autoestima das crianças negras?
3. Como falar de racismo na infância?

4. De que forma a psicologia pode contribuir na formação da criança?
5. A escola muitas vezes costuma ser um ambiente opressor com as crianças negras devido à falta de representatividade e preparo dos profissionais. O que pode ser feito neste espaço?
6. Muitos estereótipos negativos são ligados à população negra. De que forma é possível trabalhar isso com as crianças? Pessoas mais velhas falando de características das crianças (vídeo da boneca)
7. Quanto às crianças brancas, o que pode ser feito para que elas respeitem as diferenças?
8. No âmbito familiar, o que pode ser feito para valorizar a autoestima das crianças negras?
9. Qual o momento mais marcante da sua trajetória na psicologia?
10. O que é representatividade para você?

Entrevista do dia 11/09- Geo Nunes, designer e criadora do ateliê Amora

1. Como foi o processo de criação do ateliê?
2. Na sua infância como você lidava com a falta de bonecas negras no mercado? Você tinha alguma boneca negra?
3. Qual a reação das crianças ao verem os brinquedos nos eventos realizados pelo ateliê?
4. Como você enxerga o mercado de entretenimento para crianças negras na Bahia. O que ainda falta na sua opinião?
5. Sobre o projeto “Eu brinco, eu existo”, realizado nas escolas públicas do estado, quais são os desafios?
6. A noção de representatividade é algo muito pautado pelo ateliê. De que maneira isso influencia no processo de construção da autoestima das crianças?
7. Qual o momento mais marcante da sua trajetória desde a criação do ateliê?
8. Qual o perfil do público consumidor?
9. O que é representatividade para você?

Entrevista dia 12/09 – Maria Carol e Igor Souza, diretores da série infantil Aventuras da Amí

1. Como foi o processo de criação da série? O que motivou a produção?

2. O mercado de audiovisual vem trabalhando a noção de representatividade para as crianças nos últimos anos. Qual a importância disso?
3. Além da representatividade racial, a série quebra estereótipos de gênero quando traz uma garota como protagonista. Como foi pensado isso?
4. A série, que podia ser acessada na internet, passou a ser exibida na TVE recentemente. No que isso interfere?
5. Como vocês enxergam o mercado de entretenimento para crianças negras na Bahia?
6. A noção de representatividade é algo muito pautado pela série. De que maneira isso influencia no processo de construção da autoestima das crianças?
7. O que é representatividade para vocês?

Entrevista do dia 23/09 – Adilson Passos, designer e autor do livro As Mulheres Abayomi

1. Como nasceu o livro As Mulheres Abayomi? O que te motivou?
2. De que forma esse trabalho contribui para a construção da autoestima das crianças negras?
3. Sobre o seu trabalho voltado para a contação de histórias, qual o retorno que você recebe das crianças?
4. Como você enxerga o mercado de entretenimento para crianças negras na Bahia. O que ainda falta na sua opinião?
5. A noção de representatividade é algo que tem sido pautado atualmente. De que maneira isso influencia no processo de construção da autoestima das crianças negras?
6. O que é representatividade para você?

Entrevista do dia 24/09- Caroline Adesewa, professora e criadora do projeto Afro Infância

1. Como foi o processo de criação do projeto Afro Infância? O que te motivou?
2. De que forma o projeto se relaciona com sua trajetória de vida? Você sempre trabalhou com crianças?
3. Quais são as contribuições que o ensino da cultura afro-brasileira proporciona para a formação das crianças?

4. A noção de representatividade é algo muito pautado pelo projeto. De que maneira isso influencia no processo de construção da autoestima das crianças?
5. Qual a sua opinião acerca da lei 10.639? Quais barreiras precisam ser superadas para a sua plena efetivação?
6. Qual a importância das redes sociais para a realização deste projeto e para o contexto de representatividade?
7. Algum fato/momento que te marcou desde a criação do Afro Infância?
8. O que é representatividade para você?

APÊNDICE B – ROTEIROS DE EDIÇÃO DAS REPORTAGENS

PRIMEIRA REPORTAGEM – ENSINO AFROCENTRADO NA INFÂNCIA

CENA	IMAGEM	ÁUDIO	TEXTO	TEMPO
Vinheta de apresentação da série		BG de crianças	Espelho Meu	
Apresentação (tela preta)		BG de crianças	“Série de reportagens produzida por Rafaela Souza...”	
Imagens de apoio da Escolinha Maria Felipa	Entrada da escola gravada no celular Área do pátio gravada no celular MVI_5786 MVI_5776	Rafaela em off (Voz001)	“Batizada com o nome de uma heroína negra da Independência da Bahia...”	
Bárbara Carine	MVI_5799	Sonora da entrevista	“A metodologia pedagógica da Maria Felipa...”	De 7 min 55 s até 8 min 18 s
Imagens de apoio da Escolinha Maria Felipa	MVI_5791	Bárbara em off (MVI_5799)	“A decolonialidade vai da contramão...”	De 9 min 35 s até 9 min 45 s
Bárbara Carine	MVI_5799	Segue com a sonora da entrevista	“... que são os povos ancestrais...”	De 9 min 45 s até 10 min 40 s
Imagens de apoio da Escolinha Maria Felipa	MVI_5807 MVI_5808	Rafaela em Off (Voz 002)	“Para Bárbara, o ensino decolonial possibilita que as crianças...”	
Bárbara Carine	MVI_5800	Sonora da entrevista	“A primeira autora negra que eu li na minha vida...”	De 2 min 8 s até 2 min 47 s
Imagens de apoio da Escolinha Maria Felipa para transição	MVI_5803 MVI_5804	Sem som ou escolher música		
Imagens de apoio de Caroline de Jesus Adesewa	MVI_5881	Rafaela em off (Voz 003)	“A valorização do ensino da cultura afrobrasileira e africana é o principal objetivo do projeto Afroinfância...”	De 3 s até 39 s
Caroline de Jesus Adesewa (AfroInfância)	MVI_5880	Sonora da entrevista	“O AfroInfância surgiu em 2018...”	De 2 min 16 s até 2 min 35 s

Imagem de apoio de arquivo pessoal	Caroline_Arquivo (Colocar no rodapé - Foto: Arquivo pessoal)	Segue com a sonora da entrevista	“... então, eu pensei numa forma de compartilhar...”	De 2 min 35 s até 2 min 40 s
Caroline de Jesus Adesewa	MVI_5880	Sonora da entrevista	“... pudesse ser compartilhada com outras pessoas...”	De 2 min 40 s até 3 min 20 s
Imagem de apoio Escolinha Maria Felipa	MVI_5806 MVI_5814	Rafaela em off (Voz 004)	“O ensino afrocentrado impacta diretamente na percepção das crianças negras...”	
Caroline de Jesus Adesewa	MVI_5880	Sonora da entrevista	“... A partir do momento que a gente oferece um espelho autêntico...”	De 6 min e 31 s até 7 min 51 s
		Som ambiente	Reportagem Rafaela Souza	
Tela preta com créditos centralizado		Som ambiente	Direção Rafaela Souza	
Tela preta com créditos centralizado		Som ambiente	Câmera Victor Fonseca	
Tela preta com créditos centralizado		Som ambiente	Edição Victor Fonseca	
Tela preta com créditos centralizado		Som ambiente	Orientação Marcelo Ribeiro	
Tela preta com créditos centralizado		Som ambiente	Agradecimentos Bárbara Carine Escolinha Maria Felipa Caroline de Jesus Adesewa	

SEGUNDA REPORTAGEM – VALORIZAÇÃO DA ESTÉTICA NEGRA

CENA	IMAGEM	ÁUDIO	TEXTO	TEMPO
Vinheta de apresentação da série		BG de crianças	Espelho Meu	
Apresentação (tela preta)		BG de crianças	“Série de reportagens produzida por Rafaela Souza...”	
Imagem de apoio da capa de Tóim, cadê você?	MVI_5844	Tamires Lima em off (MVI_5842)	“A história de Tóim, cadê você...”	De 2 min 51 s até 2 min 59 s
Tamires Lima	MVI_5842	Segue com sonora da entrevista	“... e que ele por acaso também adora ser armado...”	De 2 min 59 s até 3 min 35 s
Imagens de apoio de Tamires vendo o livro	MVI_5846	Rafaela em off	“Segundo Tamires, a temática do livro representa...”	
Tamires Lima	MVI_5842	Sonora da entrevista	“Eu tive um grande histórico de sempre estar em salões...”	De 4 min 10 s até 4 min 55 s
Flávia Santana	MVI_5816	Sonora da entrevista	“Particularmente falando como foi a minha história...”	De 7 min 2 s até 7 min 21 s
Imagens de apoio do salão	MVI_5834 (7 s até 17s) MVI_5836	Rafaela em off	“Com o desejo de mudar sua realidade e de outras...”	
Imagens de apoio do Espaço Cachinhos	MVI_5823	Rafaela em off	“O instituto ainda conta com o Espaço Cachinhos...”	
Flávia Santana	MVI_5816	Sonora da entrevista	“O perfil do Essência dos Cachos...”	De 9 min 32 s até 10 min 4 s
Imagens de apoio da mulher cuidando do cabelo	MVI_5832	Segue com a sonora da entrevista	“... então, o que foi que aconteceu...”	De 10 min 5 s até 10 min 14 s
Flávia Santana	MVI_5816	Sonora da entrevista	“... porque a garota, o filho...”	De 10 min 15 s até 10 min 52 s
Imagens de apoio do Espaço Cachinhos	MVI_5824	Segue com a sonora da entrevista	“Hoje aqui nós temos um público...”	De 10 min 53 s até 11 min 4 s
Imagens de apoio de Laura Augusta	MVI_5848 (10 min 7s até 10 min 30 s)	Rafaela em off	“A negação do cabelo crespo e da própria...”	
Laura Augusta	MVI_5848	Sonora da entrevista	“Esses traumas que as crianças negras acabam vivenciando...”	De 6 min 1 s até 7 min 10 s

Tela preta com créditos centralizado		Som ambiente	Reportagem Rafaela Souza	
Tela preta com créditos centralizado		Som ambiente	Direção Rafaela Souza	
Tela preta com créditos centralizado		Som ambiente	Câmera Victor Fonseca	
Tela preta com créditos centralizado		Som ambiente	Edição Victor Fonseca	
Tela preta com créditos centralizado		Som ambiente	Orientação Marcelo Ribeiro	
Tela preta com créditos centralizado		Som ambiente	Agradecimentos Tamires Lima Flávia Santana Laura Augusta	

TERCEIRA REPORTAGEM – ENTRETENIMENTO REPRESENTATIVO

CENA	IMAGEM	ÁUDIO	TEXTO	TEMPO
Vinheta de apresentação da série		BG de crianças	Espelho Meu	
Apresentação (tela preta)		BG de crianças	“Série de reportagens produzida por Rafaela Souza...”	
Imagens de apoio dos brinquedos	MVI_5859 (1s até 20 s) MVI_5857	Rafaela em off (Voz 005)	“Amora é um ateliê de Brinquedos Afirmativos que tem o objetivo...”	
Geo Nunes	MVI_5853	Sonora da entrevista	“A reação de uma criança quando vê uma boneca preta...”	De 6 min 52 s até 7 min 11 s
Imagens de apoio dos brinquedos	MVI_5858 (12 s até 38 s) MVI_5856	Geo em off (MVI_5853)	“É muito importante que as crianças...”	De 5 min 1 s até 5 min 15 s (ela dá uma gaguejada no 16 s, espero que tenha como cortar)
Geo Nunes	MVI_5853	Segue com a sonora da entrevista	“... nos jornais, nas revistas...”	De 5 min 19 s até 5 min 37 s
Imagens de apoio de arquivo (Fotos: Divulgação)	Eu_brinco_arquivo	Rafaela em off (Voz 006)	“Entre as ações afirmativas do ateliê, está o evento...”	
Geo Nunes	MVI_5853	Sonora da entrevista	“O Brinco, Eu existo é um evento...”	De 6 min 18 s até 6 min 26 s
Imagens de apoio de arquivo da Amora humanizada (Fotos: Divulgação)	Amora_humanizada_arquivo	Geo em off	“... além disso, a gente leva uma contadora de história...”	De 6 min 27 s até 6 min 30 s

Imagem de apoio da série	Vinheta_Ami	Rafaela em off (Voz 007)	“Levar representatividade e para as crianças também...”	
Maria Carol e Igor	MVI_5861	Sonora da entrevista (fala de Maria Carol)	“Então, Amí ela vem de um desejo...” (Se for possível pode cortar o então)	De 6 min 26 s até 7 min
Imagem de apoio da série	Vinheta_Ami	Áudio da série		Máx. 10 s
Maria Carol e Igor	MVI_5862	Sonora da entrevista (fala de Igor)	“Amí é um trabalho de relações cruzadas...”	De 10 min 20 s até 11 min 35 s
Imagem de apoio da série	Vinheta_Ami	Igor em off (MVI_5862)	“Durante todo o seriado...”	De 2 min 4 s até 2 min 19 s
Imagens de apoio de Adilson Passos	MVI_5877 (capturar capa do livro) MVI_5879	Rafaela em Off (Voz 008)	“Com referências ancestrais, o livro As Mulheres...”	
Adilson Passos	MVI_5874	Sonora da entrevista	“O livro fala sobre essa questão da mulher...”	De até 5 min 39 s até 6 min 28 s
Imagens de apoio de Adilson Passos	MVI_5876 (parte que ele tá ajustando e mostrando a boneca) min até 8 min 14 s	Rafaela em off (Voz 009)	“Junto ao trabalho com o livro, Adilson participa de projetos onde ensina...”	
Adilson Passos	MVI_5874	Sonora da entrevista	“Eu acho que o trabalho com esse livro pode...”	De 3 min 44 s até 5 min 3 s
Tela preta com créditos centralizados		Som ambiente	Reportagem Rafaela Souza	
Tela preta com créditos centralizados		Som ambiente	Direção Rafaela Souza	
Tela preta com créditos centralizados		Som ambiente	Câmera Raquel Carvalho Victor Fonseca	
Tela preta com créditos centralizados		Som ambiente	Edição Victor Fonseca	

Tela preta com créditos centralizados		Som ambiente	Orientação Marcelo Ribeiro	
Tela preta com créditos centralizados		Som ambiente	Agradecimentos Geo Nunes Maria Carol Igor Souza Adilson Passos	

APÊNDICE C – TEXTOS DE OFF

REPORTAGENS	TEXTOS DE OFF
<p>Ensino afrocentrado na infância (primeira reportagem)</p>	<p>Escolinha Maria Felipa (Bárbara Carine)</p> <p>Batizada com o nome de uma heroína negra da Independência da Bahia, a Escolinha Maria Felipa levanta a bandeira da representatividade na educação infantil. A escola, inaugurada em fevereiro deste ano, propõe a decolonização do ensino através do estudo da cultura afro-brasileira, africana e ameríndia. A instituição contempla turmas do grupo dois ao cinco.</p> <p>-</p> <p>A ideia de criar a escola surgiu em meio ao processo de adoção de uma menina negra, vivenciado pela consultora pedagógica, Bárbara Carine, e pelo professor Ian Cavalcante, também diretor da instituição. Antes da adoção ser concluída, Bárbara e Ian não sabiam onde a filha poderia estudar devido à falta de representatividade e reflexos do racismo estrutural presente no ambiente escolar.</p> <p>-</p> <p>Para a consultora pedagógica Bárbara Carine, o ensino decolonial possibilita que as crianças construam uma nova visão de mundo diferente das gerações passadas que não tiveram referências.</p> <p>Afroinfância (Caroline de Jesus Adesewa)</p> <p>A valorização do ensino da cultura afro-brasileira e africana é o principal objetivo do projeto Afroinfância. Idealizado pela pedagoga Caroline de Jesus Adesewa, o Afroinfância discute a identidade negra na educação infantil por meio de uma metodologia afrocentrada. No perfil, hospedado no Instagram, Caroline compartilha sua prática docente a fim de levar referências positivas de ensino para as crianças negras.</p> <p>-</p> <p>O ensino afrocentrado impacta diretamente na percepção das crianças negras. Além do aprendizado, essa metodologia contribui de forma positiva na autoestima dessas crianças,</p>

	oferecendo um espelho onde elas podem exercer um olhar de pertencimento e admiração.
Valorização da estética negra (segunda reportagem)	<p>Segundo Tamires, a temática do livro representa a sua história e as vivências de outras mulheres negras que também sofreram com a falta de representatividade desde a infância.</p> <p>Instituto de Beleza Essência dos Cachos (Flávia Santana)</p> <p>Com o desejo de mudar sua realidade e de outras mulheres, Flávia se especializou no cuidado com os cabelos crespos e cacheados. Criado há seis anos por ela, o Instituto de Beleza Essência dos Cachos é responsável por valorizar a estética negra em Salvador.</p> <p>-</p> <p>O Instituto conta com o Espaço Cachinhos, projeto criado especialmente para o atendimento das crianças.</p> <p>Laura Augusta (psicóloga)</p> <p>Para a psicóloga Laura Augusta, a negação do cabelo crespo e da própria identidade pela criança negra são traumas causados pelo racismo. Ela afirma que a representatividade é importante para mudar esse cenário.</p>
Entretenimento representativo (terceira reportagem)	<p>Amora (Geo Nunes)</p> <p>Amora é um ateliê de Brinquedos Afirmativos, que tem o objetivo de levar representatividade para as crianças negras, através de ações afirmativas, venda e doação de brinquedos. O projeto foi idealizado há três anos pela designer Geo Nunes.</p> <p>-</p> <p>Entre as ações afirmativas do ateliê, está o evento “Eu brinco, Eu existo!” que é realizado em escolas públicas. Para receber o evento, a escola precisa trabalhar com uma educação antirracista e ter turmas de 0 a 6 anos.</p> <p>Aventuras de Amí (Maria Carolina e Igor Souza)</p>

	<p>Levar representatividade para as crianças também é a proposta da série Aventuras de Amí. A animação, desenvolvida pela Lanterninha Produções, conta a história de Amí, uma garota negra, de 8 anos, criativa e inquieta, que junto a seu cachorro Balú e seu amigo Tim inventa outras realidades a partir do mundo que a rodeia.</p> <p>As Mulheres Abayomi (Adilson Passos)</p> <p>Com referências ancestrais, o livro As Mulheres Abayomi, de Adilson Passos, tem a cultura africana, a força das mulheres e as bonecas negras Abayomi como inspiração.</p> <p>-</p> <p>Junto ao trabalho com o livro, Adilson participa de projetos onde ensina a confecção das bonecas Abayomi. Elas são feitas de retalhos de pano e confeccionadas sem cola e sem costura, apenas com nós e amarrações. Para ele, as iniciativas contribuem para o reconhecimento da identidade negra e servem como referencial positivo para o universo infantil.</p>
--	--